

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Os afetos na adolescência:

A sua relação com a socialização parental e com a resolução de conflitos na fratria

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ana Maria Ferreira de Sousa

Orientação: Professora Doutora Professora Doutora Inês Relva e Otilia Monteiro Fernandes



Vila Real, 2019

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Os afetos na adolescência:

A sua relação com a socialização parental e com a resolução de conflitos na fratria

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ana Maria Ferreira de Sousa



Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Educação e Psicologia, sob orientação da Professora Doutora Inês Relva e da Professora Doutora Otilia Monteiro Fernandes

Vila Real, 2019

Declaro que todo o conteúdo e/ou ideias presentes são de minha inteira responsabilidade. Este trabalho foi expressamente elaborado como dissertação original para efeito de obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica, sendo apresentado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Educação e Psicologia.

Aos meus pais, meu maior exemplo...

Agradecimentos

Chegando ao fim desta etapa é tempo de retribuir com o meu agradecimento a todos os que de uma forma ou outra contribuíram para que este projeto ganhasse forma.

Antes de mais gostaria de agradecer às minhas orientadoras, Professoras Doutoras Inês Relva e Otília Monteiro Fernandes, pelas palavras de incentivo, apoio, rigor, paciência, inspiração e dedicação demonstrada ao longo desta longa jornada.

Aos meus pais, por serem o meu grande pilar em todos os momentos, pelo amor incondicional, pelo exemplo de força, e por me permitirem voar. Sem vocês nada teria sido possível.

À Margarida e ao Xavier, minha fratria, companheiros de mil aventuras, por todas as aprendizagens, inspiração e união, e a toda a minha família, pelo apoio, amor, carinho e presença ao longo de todos estes anos.

Às minha amigas de todas as horas, umas desde o dia em que cheguei à UTAD outras mais recentes, mas igualmente importantes: Andreia, Sara, Liliana, Rafaela, Inês, Nilza e Adriana, agradeço a vossa amizade genuína, companheirismo e palavras de apoio nos momentos de maior desânimo.

Um agradecimento especial às minhas *Sophias*, aos meus meninos, e às minhas colegas de trabalho, pelo cuidado, preocupação, carinho e compreensão. É para vocês que trabalho todos os dias, mas o que aprendo com cada uma de vós é sem dúvida a minha maior recompensa. Cada uma de vós terá sempre um lugar especial no meu coração.

Por último agradeço à Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, seus docentes e não docentes, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”. Madre Teresa de Calcutá

Resumo

A presente dissertação é composta por dois estudos empíricos, apresentados seguidamente. O primeiro estudo, estudo empírico 1, intitula-se “Socialização parental e afetos em adolescentes” e teve como principal objetivo estudar o papel dos afetos positivos e negativos na percepção dos adolescentes sobre a socialização parental. Para o efeito recorreu-se a uma amostra de 230 alunos cujas idades se situavam entre os 11 e 16 anos, aos quais foi solicitado responder aos instrumentos utilizados: o Questionário sociobiográfico; a *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa (PANAS, Galinha & Pais-Ribeiro, 2005); e Escala de socialização Parental na Adolescência (ESPA-29, Musitu & García, 2001, 2004; validada para a população portuguesa por Nunes, Luís, Lemos, & Ochoa, 2015). Os resultados demonstraram que: 1) os adolescentes entre os 11 e os 13 anos apresentam maiores níveis de afeto positivo, e menores níveis de afeto negativo, quando comparados com os adolescentes com idade superior a 14 anos; 2) O sexo feminino percebe maiores níveis de afeto em relação a ambos os progenitores quando comparados com os indivíduos do sexo masculino; 3) as variáveis diálogo e afeto apresentam uma correlação positiva entre si, enquanto a indiferença e o afeto negativo correlacionam-se negativamente entre si; 4) a idade prediz o afeto positivo e negativo; 5) a coerção verbal prediz o afeto negativo.

O segundo estudo empírico apresentado denomina-se “Fratrã: afetos e conflitos numa amostra de adolescentes”, sendo o seu objetivo analisar o papel dos afetos na resolução dos conflitos em irmãs, durante a adolescência. Para alcançar os objetivos propostos recorreu-se a uma amostra de 210 participantes com irmãs, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos. Os instrumentos utilizados para alcançar os objetivos propostos foram: um Questionário sociobiográfico; a *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa (PANAS, Galinha & Pais-Ribeiro, 2005); Brother-Sister Questionnaire – versão portuguesa (BSQ, Relva, Fernandes, Alarcão, Graham-Bermann & Lopes, 2016); e *The Revised Conflict*

Tactics Scales – Sibling Version (CTS2-SP, Straus, Hamby, Finkelhor, Boney-McCoy & Sugarman, 1995). Os resultados obtidos neste estudo sintetizam-se em: 1) o sexo do participante e o número de irmãos influencia as táticas da resolução de conflitos; 2) a idade tem um peso considerável na empatia face aos irmãos; 3) é evidente a correlação existente entre o afeto positivo e a negociação e a agressão psicológica; 4) existem associações negativas entre a relação fraterna e as táticas de resolução de conflitos que envolvem o recurso à agressão; 5) a empatia é capaz de predizer o afeto positivo.

Palavras-Chave: fratria; socialização parental; afeto positivo; afeto negativo; relação entre irmãos; resolução de conflitos.

Abstract

The present dissertation comprehends two empirical studies, presented below. The first study, empirical study one, is entitled “Parental socialization and affecting in adolescents” and had as main aim to study the role of positive and negative affectings in the adolescents’ perception about the parental socialization. For this purpose resorted a sample of 230 students whose ages ranged from 11 to 16 years old, was used to answer the instruments used: the sociobiographic questionnaire; a Positive and Negative Affect Schedule – Portuguese version (PANAS, Galinha & Pais-Ribeiro, 2005); and parental socialization scale in the adolescence (ESPA-29, Musitu & García, 2001, 2004; validated for the Portuguese population by Nunes, Luís, Lemos & Ochoa, 2015). The results showed that: 1) adolescents aged between 11 and 13 years old present higher levels of positive affecting and lower levels of negative affecting when compared with the adolescents older than 14 years old; 2) female perceives higher levels of affecting in relation to both parents when compared with the male elements; 3) the variables of dialogue and affection have a positive correlation with each other, while the indifference and negative affection correlated negatively with each other; 4) age predicts the positive and negative affecting; 5) verbal coercion predicts the negative affection.

The second empirical study presented is denominated “Siblings: affections and conflicts in a sample of adolescents”, being its aim analyses the paper of affections in the conflict resolution in siblings, during adolescence. To achieve the proposed goals a sample of 210 participants with siblings, aged between 11 and 16, was used. The instruments used to achieve the proposed objectives were: a Sociobiographic Questionnaire; a Positive and Negative Affect Schedule – Portuguese version (PANAS, Galinha & Pais-Ribeiro, 2005); Brother-Sister Questionnaire – Portuguese version (BSQ, Relva, Fernandes, Alarcão, Graham-Bermann & Lopes, 2016); and *The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP, Straus, Hamby, Finkelhor, Boney-McCoy & Sugarman, 1995). The results

obtained in this study are summarized in: 1) the sex of the participant and the number of siblings influence tactics of conflict resolution; 2) age has a considerable weight on empathy towards siblings; 3) the correlation between positive affection and negotiation and psychological aggression is evident; 4) there are negative associations between the fraternal relationship and the tactics of conflict resolution that involve the use of aggression; 5) the empathy is able to predict positive affection.

Keywords: siblings; parental socialization; positive affection; negative affection; sibling relationship; conflict resolution.

ÍNDICE

Introdução.....	1
Estudo Empírico I:Socialização parental e afetos em adolescentes	5
Resumo	6
Abstract	7
Introdução.....	8
Metodologia.....	12
Amostra	12
Instrumentos	12
Procedimentos	14
Análises estatísticas	15
Resultados	16
Análise do afeto positivo e negativo e socialização parental em função de variáveis sociodemográficas	16
Associação entre o afeto positivo e negativo e socialização parental	19
Análises preditivas: o papel preditor da idade e da socialização parental no afeto positivo e negativo	21
Discussão	23
Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros	26
Referências bibliográficas.....	27
Estudo Empírico II:Fratria: afetos e conflitos numa amostra de adolescentes.....	35
Resumo	36
Abstract	37
Introdução.....	38

Método	43
Participantes.....	43
Instrumentos	44
Procedimentos	46
Análises estatísticas	47
Resultados	48
Análise do afeto positivo e negativo, táticas de resolução de conflitos e relação entre irmãos em função de variáveis sociodemográficas	48
Associação entre o afeto positivo e negativo, táticas de resolução de conflitos e relação entre irmãos	51
Análises preditivas: O papel preditor do sexo, das dimensões das táticas de resolução de conflitos e da relação fraternal no afeto positivo e negativo	53
Discussão	55
Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros	57
Referências Bibliográficas	58
Considerações finais	67
Referências Bibliográficas Gerais	70
ANEXOS	74

ÍNDICE DE TABELAS

ESTUDO EMPÍRICO I

Tabela 1. Análise diferencial do afeto positivo e negativo em função da idade dos adolescentes	17
Tabela 2. Análise diferencial da socialização parental em função do sexo dos adolescentes	18
Tabela 3. Análise diferencial da socialização parental em função do número de irmãos	19
Tabela 4. Associação entre o afeto positivo e negativo e socialização parental	21
Tabela 5. Papel preditor da idade e da socialização parental no afeto positivo e negativo	22

ESTUDO EMPÍRICO II

Tabela 1. Análise diferencial dos conflitos entre irmãos, em função do sexo dos adolescentes	49
Tabela 2. Análise diferencial das táticas de resolução de conflitos entre irmãos, em função do número de irmãos	50
Tabela 3. Análise diferencial da relação entre irmãos em função da idade dos adolescentes	51
Tabela 4. Associação entre o afeto positivo e negativo, táticas de resolução de conflitos e relação entre irmãos, médias e desvio padrão	52
Tabela 5. Papel preditor do sexo, das táticas de resolução de conflitos e da relação fraterna no afeto positivo e negativo	54

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

ANOVA – Análises de variâncias

BSQ – *Brother-Sister Questionnaire*

CFI – *Comparative Fit Index*

CTS2-SP - *The Revised Conflict Tactics Scales: Sibling Version*

DP – Desvio padrão

ESPA-29 – Escala de Socialização Parental na Adolescência

IC – Nível de Significância de 95%

M – Média

PANAS – *Positive and Negative Affect Schedule*

RMS – *Root Mean Square*

RMSEA – *Root Mean Square Error of Approximation*

SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*

Introdução

A família tem um papel determinante no desenvolvimento do ser humano (Papalia, Olds & Feldman, 2001), sendo que a relação que o indivíduo estabelece com a família desde os primeiros dias de vida é fundamental para o seu desenvolvimento saudável, fornecendo o afeto, a segurança necessária para a sua sobrevivência, promovendo a proteção e satisfação das necessidades básicas (Almeida & Centa, 2009; Silva, Polli, Sobrosa, Arpini & Dias, 2012), e desencadeando o processo de socialização e desenvolvimento (Reis, Almeida, Miranda, Alves & Madeira, 2013; Silva, Sousa, Santos, Cunha, Silva & Barbosa, 2011). Vários autores debruçaram-se sobre as questões do desenvolvimento, e referem a relevância da relação entre pais e filhos, na construção de relações sólidas e estáveis quer no presente como também no futuro (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1988).

Os afetos assumem um papel relevante nas questões em estudo, têm um peso relevante no estado emocional, podendo limitar as emoções mais prazerosas, mas também exacerbar os afetos mais negativos (Galinha, Pereira & Esteves, 2014). Tanto os afetos positivos como a satisfação, o entusiasmo, a felicidade, como os afetos negativos, entre eles a tristeza, os medos, as angústias e preocupações (Watson, Clark & Tellegen, 1988), desempenham papéis cruciais no desenvolvimento do ser humano, e podem coexistir em simultâneo.

Relativamente aos padrões de comportamento dos pais para com os filhos, podemos afirmar que estes têm grande relevância para a comunicação na família, na aquisição de normas, regras e competências e na vivência social dos adolescentes (Nunes, Luís, Lemos & Ochoa, 2015). Quando as relações significativas, nomeadamente entre pais e filhos é boa e segura, existe maior disponibilidade para a construção de relações entre irmãos significativa (Rocha, Mota & Matos, 2011). O contrário também se verifica, quando os filhos sentem

rejeição paternal, podem exibir os mesmos comportamentos face à fratria (MacKinnon-Lewis, Starnes, Volling & Johnson, 1997). Quando falamos em família é frequente fazerem-se associações positivas, e no que toca aos irmãos salientam-se muitas vezes o seu papel na socialização, na proteção, orientação e estimulação de várias áreas (Fernandes, Alarcão & Raposo, 2007).

A relação entre irmãos é a mais extensa no tempo: os pais morrem mais cedo, as amizades constroem-se, mas vão se perdendo nas diferentes fases da vida, os cônjuges vêm mais tarde (Fernandes, 2005). Mota e Matos (2011) referem que para além das figuras paternas, os irmãos e a família mais alargada podem também ser cruciais para o desenvolvimento afetivo sendo o seu papel preponderante quando a relação com os progenitores é mais distante. Ao longo do ciclo é notória a importância da irmãos na estabilidade e suporte de cada um dos seus elementos. É quando uma família decide ter o segundo filho que nasce também este novo papel: o de irmão, surgindo naturalmente conflitos, naturais das relações, havendo rivalidades e ciúmes. No entanto as relações fraternas são também pautadas por reciprocidade e complementariedade. O papel dos pais nestas situações deve ser no sentido de não proteger um dos filhos em detrimento de outro (Fernandes, 2005).

Os conflitos entre irmãos são frequentes e motivados por diversas questões, muitas vezes pela disputa de espaço e/ou objetos, mas sobretudo os conflitos são gerados pela disputa do afetos dos progenitores (Widmer, 1999). Segundo Vandell e Bailey (1992), uma das vantagens dos conflitos entre irmãos é promover a compreensão dentro dos elementos da fratria e criam estratégias para a resolução dos conflitos.

Os irmãos têm particular relevo na fase da infância e adolescência criando oportunidade para, dentro da fratria ensaiar comportamentos e vivências futuras, podendo defenir-se como um laboratório social (Minuchin, 1982). É neste contexto que os irmãos têm

a oportunidade de competir, ajudar, negociar e apoiar-se mutuamente, tomando consciência de si mesmos e do que os rodeia (Perner, Ruffman & Leekam, 1994). Na relação fraterna as trocas de afetos predizem o tipo de relação entre os irmãos, quando a relação é pautada por carinho e calor afetivo o relacionamento fraterno é positivo incrementando a auto-estima (Sapouna & Wolke, 2013; Sherman, Lansford & Volling, 2006; Tippett & Wolke, 2015; Yeh & Lempers, 2004). Quando a relação fraterna é constituída maioritariamente por sentimentos violentos, frios e hostis podem até dar origem a problemas de comportamento, ansiedade e dificuldades na relação com os pares (Bank, Patterson & Reid, 1996; Dunn, Slomkowski, Beardsall & Rende, 1994; Pike, Coldwell & Dunn, 2005; Snyder, Bank & Burraston, 2005; Tippett & Wolke, 2015).

O presente estudo pretende investigar a influencia da socialização parental na afetividade e a táticas de resolução de conflitos utilizadas no contexto fraterno associados ao afeto positivo e negativo, em adolescentes do norte do país. Para alcançar os objetivos propostos realizaram-se dois estudos empíricos, que embora distintos, têm em comum a análise das relações familiares e dos afetos, em duas perspetivas diferentes e com objetivos também eles distintos. O primeiro estudo empírico denomina-se “Socialização parental e afetos em adolescentes” e pretende analisar o papel da socialização parental e dos afetos positivos e negativos em adolescentes e avaliar o papel preditivo da socialização parental e da idade nos afetos positivos e negativos. O segundo estudo empírico intitula-se “Fratrã: afetos e conflitos numa amostra de adolescentes”, e o objetivo principal centra-se no estudo das táticas de resolução de conflitos entre irmãos, utilizadas por adolescentes entre os 11 e os 16 anos, e a implicação dos afetos positivos e negativos na escolha da tática de resolução de conflitos.

Estes estudos são pertinentes para o trabalho com as famílias, como forma de compreender as implicações da socialização parental, na vida dos adolescentes, e também

entender a importância dos afetos positivos e negativos nas táticas de resolução de conflitos fraternos, temática esta muitas vezes desvalorizada. Os resultados obtidos salientam a importância de focar as intervenções nos afetos positivos, e trabalhar junto das famílias estratégias de socialização parental mais eficazes, assim como dotar os adolescentes de táticas de resolução de conflitos mais positivas.

Estudo Empírico I:

Socialização parental e afetos em adolescentes

Parental communication and the relationship between siblings

Resumo

A socialização parental compreende as relações que os pais estabelecem com os filhos, com o intuito de transmitir as regras, normas e valores para um melhor ajuste à sociedade. O papel dos pais passa também por promover as condições necessárias à sobrevivência e bom desenvolvimento dos filhos, salvaguardando a sua segurança e dando-lhe afeto e apoio. O presente estudo debruçou-se especificamente sobre o papel dos afetos positivos e negativos na percepção dos adolescentes sobre a socialização parental. Para isso, foi recolhida uma amostra de 230 adolescentes com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos ($M=13.9$; $DP=1.3$), com recurso a três instrumentos: o Questionário sociobiográfico; a *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa (PANAS, Galinha & Ribeiro, 2005); e a *Escala de socialização Parental na Adolescência* (ESPA-29, Musitu & García, 2001, 2004; validada para a população portuguesa por Nunes, Luís, Lemos & Ochoa, 2015). Os resultados obtidos demonstram que: (a) os adolescentes entre os 11 e os 13 anos apresentam maiores níveis de afeto positivo, e menores níveis de afeto negativo, quando comparados com os adolescentes com idade superior a 14 anos; (b) O sexo feminino percebe maiores níveis de afeto em relação a ambos os progenitores quando comparados com os indivíduos do sexo masculino; (c) as variáveis diálogo e afeto apresentam uma correlação positiva de grande magnitude entre si, enquanto a indiferença e o afeto negativo correlacionam-se negativamente entre si; (d) a idade é capaz de predizer o afeto positivo e negativo; (e) a coerção verbal parece predizer o afeto negativo. Considerando os resultados obtidos, parece importante intervir junto das famílias com filhos adolescentes, nomeadamente na criação de programas de treino de competências parentais, de forma a trabalhar com toda a família na prossecução de relações onde o afeto positivo predomine sobre o negativo.

Palavras-chave: *afeto negativo; afeto positivo; fratria; socialização parental.*

Abstract

The parental socialization comprehends the relationships that parents establish with their children, with the purpose of transmitting the rules, norms and values for a better adjustment to society. The role of parents is also to promote the conditions necessary for the survival and well-being of the children, safeguarding their safety and giving them affection and supporting. The present study focused specifically on the role of positive and negative affections in the adolescents' perception of the parental socialization. To achieve this purpose, a sample of 230 adolescents aged 11 to 16 years old ($M = 13.9$; $SD = 1.3$) was collected using three instruments: the sociobiographic questionnaire; a Positive and Negative Affect Schedule – Portuguese version (PANAS, Galinha & Pais-Ribeiro, 2005); and parental socialization scale in the adolescence (ESPA-29, Musitu & García, 2001, 2004; validated for the Portuguese population by Nunes, Luís, Lemos & Ochoa, 2015). The results obtained show that: a) adolescents aged between 11 and 13 years old present higher levels of positive affecting and lower levels of negative affecting when compared with the adolescents older than 14 years old; b) female perceives higher levels of affecting in relation to both parents when compared with the male elements; c) the variables of dialogue and affection have a positive correlation with each other of a great magnitude of them, while the indifference and negative affection correlated negatively with each other; d) age predicts the positive and negative affecting; e) verbal coercion predicts the negative affection. Considering the results obtained, it seems important to intervene with the families with adolescent children, namely in the creation of programs of training of parental competences, in order to work with the whole family in the pursuit of relations where the positive affection predominates over the negative.

Keywords: *negative affection; positive affection; siblings; parental socialization.*

Introdução

Socialização parental

A família pode ser entendida como uma esfera de aprendizagem social (Ribeiro & Ribeiro, 1994), sendo este o sistema que recebe maior atenção devido à sua relevante importância na vida das crianças e adolescentes (Steinberg & Morris, 2001). Os pais são os primeiros responsáveis por formar social e culturalmente os novos membros da família, primeiramente numa esfera mais privada, e, posteriormente, alargada a outras esferas (Nunes, Luís, Lemos & Ochoa, 2015), ficando responsáveis por transmitir valores, crenças e comportamentos aos seus elementos (Boeckel & Sarriera, 2006; Moraes, Camino, Costa, Camino & Cruz, 2007; Lins, Salomão, Borges, Lins & Carneiro, 2015).

A socialização parental é conseguida através da gestão de atividades que permitem às crianças estabelecer contacto com os pares e com o meio que as rodeia, permitindo adaptar as aprendizagens feitas no meio familiar ao meio social (Rogoff, 2005). Os estudos sobre o papel dos pais no desenvolvimento dos filhos não são recentes, e já diversos autores se têm debruçado sobre estas questões, salientando a relevância que os progenitores têm na vida dos filhos, através da construção e manutenção de relações sólidas e estáveis importantes para um desenvolvimento saudável (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1988).

Apesar de amplamente estudada, esta temática não se esgota, uma vez que as configurações familiares estão em constante e profunda mudança, nomeadamente com a redução do número de filhos por casal, com o aumento do número de famílias monoparentais, e com a mudança da própria estrutura familiar que, primeiramente, tinha um peso patriarcal muito vincado, mas que tem vindo a desaparecer, traduzindo-se em constantes adaptações familiares e sociais, condicionando também as vivências e experiências dos indivíduos (Aboim & Wall, 2002; Bozón, 2004; Gornick & Mayers, 2004).

O estudo de Lins et al. (2015) mostrou que as mães utilizam majoritariamente estratégias de socialização, como ensinar a distinguir entre o certo e o errado, fomentar o respeito pelos outros, desenvolver a responsabilidade e dar o exemplo, corroborando a literatura existente que mostra que apesar do papel paterno ser cada vez mais ativo na educação dos filhos, a mãe ainda assume o papel principal no que toca à prestação de cuidados e educação dos filhos (Vieira, Crepaldi, Bossardi, Gomes, Bolze & Piccinini, 2014). Os pais-homens tendem a utilizar menos estratégias de socialização como ensinar o certo e o errado e dar o exemplo (Lins et al., 2015).

A percepção que os adolescentes têm face ao comportamento de ambos os progenitores, segundo Musitu e García (2001, 2004), organiza-se em duas dimensões: a dimensão aceitação/implicação, da qual fazem parte o afeto, a indiferença, o diálogo e a displicência, e pressupõe que as atitudes e comportamentos dos filhos sejam ajustadas e aprovados no seio familiar. Quando os pais assumem este comportamento aumentam a qualidade das relações com os filhos, traduzindo-se numa maior expressão de afeto e carinho. A dimensão coerção/imposição que utiliza a privação, coerção física e a coerção verbal, para eliminar os comportamentos fora das normas familiares.

Para além dos pais, na família podem existir outros membros, nomeadamente mais filhos, e por isso as relações parentais, dos pais com os filhos, são mescladas e interdependentes das relações entre os irmãos (Alarcão, 2000; Fernandes, 2002). Essas relações familiares podem ser de amor, mas também de mais ou menos violência, sendo que os comportamentos violentos são explicados pelas características da família e pelas relações estabelecidas entre os diferentes membros (Tippett & Wolke, 2015).

Dado que, na família, está tudo relacionado e interligado, os estilos parentais também parecem associar-se à violência na fratria (Eriksen & Jensen, 2009; Patterson, Dishion & Bank, 1984). Pais que exibem um estilo parental mais punitivo, tratam de forma diferenciada

os filhos (Brody, 1998; Noller, 2005; Volling, Youngblade & Belsky, 1997), demonstram insegurança, geram rivalidades, contribuindo assim para o aumento da agressividade e dos conflitos na fratria (Hoffman, Kiecolt & Edwards, 2005; Updegraff, Thayer, Whiteman, Denning & McHale, 2005; Volling & Belsky, 1992), nomeadamente quando os filhos sentem rejeição paterna, podem exibir os mesmos comportamentos face à fratria (MacKinnon-Lewis, Starnes, Volling & Johnson, 1997).

Os pais cujo estilo parental é positivo, fomentam a diminuição dos conflitos e da rivalidade na fratria (Brody, Stoneman & McCoy, 1994), e aumentam os níveis de afetividade positiva entre os irmãos (Brody, 1998; Volling & Belsky, 1992). Quando a qualidade das relações significativas, nomeadamente entre pais e filhos, é boa e segura, existe maior disponibilidade para a construção de relações significativas entre irmãos (Rocha, Mota & Matos, 2011).

Segundo vários estudos (Eriksen & Jensen, 2006; Tippett & Wolke, 2015), as características dos pais chegam a ter mais peso sobre a agressividade na fratria do que as características económicas, evidenciando a importância dos pais nas relações entre os filhos.

Afetos

O conceito de afeto é de complexa definição, incorrendo-se no risco de o desvalorizar, sobrevalorizar ou até mesmo confundir com outros constructos similares (Galinha & Ribeiro, 2005). Vários autores consideram que o afeto é uma componente do bem-estar subjetivo e o mesmo pode incluir emoções que geram satisfação e prazer ou o oposto, geradoras de insatisfação (Galinha, Pereira & Esteves, 2014). O afeto positivo evidencia o quanto a pessoa está satisfeita, entusiasmada e empolgada com a vida, contrastando com o afeto negativo que reflete as preocupações, medos, angústias, sentimentos negativos que o sujeito tem em relação

à sua vida (Watson, Clark & Tellegen, 1988), associando-se ao mal-estar subjetivo (Galinha et al., 2014).

No relacionamento entre os irmãos, a afetividade assume um papel de elevada importância. Quando a relação fraterna é pautada por carinho e calor afetivo, estamos perante um relacionamento positivo, o que facilita um bom ajuste social e o aumento da auto-estima (Sapouna & Wolke, 2013; Sherman, Lansford & Volling, 2006; Tippet & Wolke, 2015; Yeh & Lempers, 2004). Quando a relação entre irmãos é violenta, fria e hostil, podemos associar-lhes problemas de comportamento, ansiedade e dificuldades no relacionamento com os pares (Bank, Patterson & Reid, 1996; Dunn, Slomkowski, Beardsall & Rende, 1994; Pike, Coldwell & Dunn, 2005; Snyder, Bank & Burraston, 2005; Tippet & Wolke, 2015).

O subsistema fraternal tem um papel relevante no sistema familiar, e os irmãos contribuem de forma relevante para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional uns dos outros (Fernandes, 2002; Vespo, Pedersen & Hay, 1995).

Filhos únicos

Atualmente as fratrias tendem a ser menores e menos frequentes e segundo Fernandes, Alarcão e Raposo (2007), este facto poderá levar a uma maior proximidade e intensidade nas relações fraternas, muitas vezes fulcral para manter alguma estabilidade em momentos críticos com o divórcio ou morte dos progenitores (Almodovar, 1986).

No caso dos indivíduos sem irmãos, os filhos únicos, podem evidenciar dificuldades em colaborar com os outros e competir com os pares, apesar de haver uma tendência para um desenvolvimento precoce (Relvas, 2000).

Assim sendo, o presente estudo pretende explorar: (a) o papel da idade nos afetos positivo e negativo; (b) a influência do sexo na perceção dos adolescentes sobre a socialização parental de cada um dos progenitores; (c) se há diferenças na socialização parental em função

do número de irmãos; (d) em que medida os afetos se correlacionam com a socialização parental; e (e) o papel preditor da idade e da socialização parental, quer no afeto positivo, quer no afeto negativo.

Metodologia

Amostra

A amostra desta investigação foi constituída por 230 participantes, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos ($M= 13.9$; $DP= 1.3$), sendo que 64.3 % dos participantes eram do sexo feminino. Os participantes frequentavam escolas públicas do norte do país, sendo que 39.6% frequentavam o 7º ano, 17% o 8º ano, 17.8% o 9º ano, e 25.7% frequentavam o 10º de escolaridade. Relativamente à família, a maioria dos participantes reside com ambos os progenitores estando os mesmos casados (85.8% (mãe) – 86.4% (pai)). Dos participantes, 176 indivíduos têm irmãos (irmãos de sangue, meios irmãos e/ou irmãos por parentesco).

Instrumentos

Questionário sociobiográfico (QSB) - Baseado no *Social Environment Questionnaire* (SEQ), de Toman (1993), o QSB foi adaptado para a população portuguesa por Fernandes e Relva (2013). Este questionário permite recolher informações relativamente ao participante (género, idade, ano de escolaridade) e ao seu seio familiar (número e tipo de irmãos, estado civil dos progenitores, idade e profissão).

Escala Portuguesa de Afeto Positivo e Negativo (PANAS) - Inicialmente concebido por Watson, Clarck e Tellegen (1988), a PANAS pretende avaliar o afeto positivo e o afeto negativo, bem como o humor e até mesmo o afeto (Watson & Clark, 1997). A validação para a população portuguesa foi realizada por Galinha e Ribeiro (2005). Para isso são apresentados 20 estados emocionais, 10 positivos (interessado, entusiasmado, excitado, inspirado,

determinado, orgulhoso, ativo, encantado, caloroso e agradavelmente surpreendido) e outros 10 negativos (perturbado, atormentado, amedrontado, assustado, nervoso, trémulo, remorsos, culpado, irritado e repulsa), e é pedido ao participante que indique em que medida sentiu cada uma das emoções no último ano, utilizando para isso uma escala tipo Likert (1= Nada ou muito Ligeiramente; 2= Um pouco; 3= Moderadamente; 4= Bastante; 5= Extremamente). A consistência interna da escala geral, foi avaliada sendo o seu valor adequado (α de Cronbach = .79). Para as subescalas, os valores de confiabilidade foram também eles adequados: afeto positivo .79 e afeto negativo .81. No que respeita às análises fatoriais confirmatórias, a PANAS mostrou valores ajustados, sendo $\chi^2(165) = 307.48$; $p = .00$; $Ratio = .1.86$; $CFI = .88$; $RMR = .07$ e $RMSEA = .06$. Apesar de o valor de CFI ser inferior ao recomendado por vários autores, Mulaik, James, Van Alstine, Bennett e Stilwell (1989), justificam valores inferiores com a variação do tamanho da amostra.

Escala de Socialização Parental na Adolescência (ESPA-29)

A ESPA-29 (Musitu & García, 2001, 2004), validada para a população portuguesa por Nunes et al. (2015), permite conhecer os estilos de socialização parental, sob o ponto de visto dos participantes, possibilitando assim entender a perceção dos mesmos em relação ao comportamento dos pais tendo como base duas dimensões: a aceitação/implicação e a coerção/imposição. Esta avaliação é feita através da apresentação de 29 situações, pedindo-se aos participantes que assinalem em cada uma das situações, em escala tipo Likert (1: “nunca”; 2: “algumas vezes”; 3: “muitas vezes”; 4: “sempre”), quais as reações mais comuns de ambos os progenitores separadamente. A ESPA-29 está dividida em 7 subescalas: *afeto*, *indiferença*, *diálogo*, *displacência*, *coerção verbal*, *coerção física* e *privação*. No que concerne à consistência interna da escala geral, o valor é adequado (α de Cronbach = .94). Para as subescalas, os valores de confiabilidade foram também eles adequados relativamente à Mãe:

afeto .92; indiferença .88; diálogo .92; displicência .89; coerção verbal .92; privação .89, e relativamente ao Pai: afeto .93; indiferença .91; diálogo .94; displicência .94; coerção verbal .91; privação .91. A subescala coerção física obteve uma consistência interna desadequada, motivo pelo qual excluímos essa subescala em análises futuras. As análises fatoriais confirmatórias, para a Mãe, revelaram valores ajustados, sendo $\chi^2 (236) = 759.26$; $p = .00$; $Ratio = 3.22$; CFI = .86; RMR = .02 e RMSEA = .09. Relativamente às análises fatoriais confirmatórias, para o Pai, o instrumento mostrou valores ajustados, sendo $\chi^2 (237) = 814.52$; $p = .00$; $Ratio = 3.44$; CFI = .87; RMR = .03 e RMSEA = .10. Apesar de o valor de CFI ser inferior ao recomendado (.90), vários autores referem que este valor depende do tamanho da amostra (Mulaik et al., 1989).

Procedimentos

Após a definição do tema a estudar, foi feita uma busca intensiva da literatura existente sobre a temática, busca essa centrada em livros, artigos científicos e bases de dados *online* como a *b-on* e o Google Académico, foi traçado a plano de investigação, que foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética da UTAD. Para a obtenção da amostra para esta investigação começou-se por selecionar escolas da zona norte do país, obtendo-se consentimento de três escolas para a realização da mesma. Após a formalização das parcerias estabelecidas com as escolas, foram entregues os consentimentos informados para os encarregados de educação autorizarem a participação dos seus educandos na presente investigação.

A administração do instrumento efetuou-se em contexto de sala de aula, com a duração aproximada de 35 minutos. Antes do início do preenchimento do instrumento foi dada uma breve explicação sobre os objetivos do estudo, e foram dadas todas as instruções relevantes para o seu preenchimento, bem como foi explicada que a participação na

investigação era voluntária e respeita as regras de confidencialidade e anonimato, sendo que poderiam desistir a qualquer momento.

Análises estatísticas

O tratamento dos dados iniciou-se com a codificação dos dados obtidos e foi criada uma base de dados recorrendo ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences – IBM SPSS*, versão 23.0, e para o estudo das propriedades psicométricas dos instrumentos recorreu-se ao *IBM SPSS Amos*, versão 24.0.

Numa primeira fase foram analisados superficialmente todos os questionários com o intuito de excluir os questionários que estavam preenchidos incorretamente, ou que omitiam informações de interesse relevante para a investigação, a fim de se obter uma amostra o mais fidedigna possível. Após esta etapa foi feita uma limpeza da amostra, através da identificação de *missings* e *outliers*. Para o cálculo dos *outliers* recorreu-se à determinação de *Zscores* e ao cálculo da distância de *Mahalanobis*. Durante estes procedimentos foram excluídos alguns sujeitos da amostra, por poderem comprometer futuros cálculos.

Para testar a normalidade da amostra, para posteriormente recorrer aos testes paramétricos, seria espectável a utilização da inferência estatística da distribuição normal ou de *Gaus*, definindo a normalidade da amostra pelos valores de *Skeweness* e *Kurtosis* situados entre -1 e 1. No entanto, dado o tamanho da amostra, e tendo por base a literatura existente, em amostras superiores a 30 a distribuição da média amostral segue uma distribuição normal (Marôco, 2007), podendo então recorrer-se a testes paramétricos.

Feita a limpeza da base de dados como forma de evitar erros futuros, criaram-se grupos para as variáveis sociodemográficas facilitando assim a análise dos dados e a concretização dos testes paramétricos, nomeadamente *testes-t* e análises de variâncias (ANOVAS). Foram então criados grupos respeitantes à idade (Grupo 1: dos 11 aos 13 anos;

Grupo 2: dos 14 aos 16 anos) e ao sexo (Grupo 1: Masculino; Grupo 2: Feminino. Efetuaram-se diversas análises, sendo que apenas foram selecionadas para este estudo as que apresentam resultados significativos, nomeadamente ao nível da afetividade relacionando com a idade dos participantes, socialização parental tendo em conta o sexo dos indivíduos.

Para a análise da correlação entre as variáveis em estudo, recorreu-se à correlação de *Pearson*, que pretende avaliar em que medida duas variáveis se correlacionam entre si. Na interpretação dos resultados recorreu-se a Cohen (1988), que considera correlações pequenas as correlações que variam entre $r=.10$ e $r=.29$ ou $r=-.10$ e $r=-.29$; correlações médias variando os valores entre $r=.30$ a $r=.49$ ou $r=-.30$ a $r=-.49$; e consideram-se correlações de grande magnitude quando os valores se estendem entre $r=.50$ e $r=1$ ou $r=-.50$ e $r=-1$.

Procedeu-se ainda a uma análise da regressão múltipla hierárquica, que pretendeu analisar o papel da idade e da socialização parental na predição das dimensões em estudo: o afeto positivo e negativo.

Resultados

Análise do afeto positivo e negativo e socialização parental em função de variáveis sociodemográficas

Com o intuito de analisar as variáveis em estudo, iniciou-se as análises associando as variáveis em estudo com os fatores sociodemográficos, fazendo-se assim uma primeira análise dos dados recolhidos, tendo-se recorrido aos *teste-t* e ANOVA. Antes de analisar os valores obtidos foram assegurados os pressupostos da homogeneidade, através da análise dos resultados do teste de *Levene*, confirmando que os valores de *significância* são superiores a .05, podendo então prosseguir-se com as análises dos dados.

Em relação à **idade** foram estabelecidos dois grupos: grupo 1 (11-13); e grupo 2 (14-16). Os resultados da análise diferencial revelaram diferenças estatisticamente significativas

no **afeto positivo** [$t(228)= 2,192$; $p=.029$], com 95% de IC [.02,. 35] e no **afeto negativo** [$t(228)= -2,986$; $p=.003$], com 95% de IC [-.35,-.07] em função da idade dos adolescentes. Deste modo, os adolescentes com idades compreendidas entre os 11 e 13 anos experimentam maiores níveis de **afeto positivo** ($M=3.32$, $DP=.60$) do que os adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos ($M=3.14$, $DP=.65$), e menores níveis de **afeto negativo** ($M=1.63$, $DP=.48$) em relação aos mesmos ($M=1.84$, $DP=.60$), tal como observado na tabela 1.

Tabela 1

Análise diferencial do afeto positivo e negativo em função da idade dos adolescentes

PANAS	Grupo Idades	$M \pm DP$	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Afeto positivo	1-11-13	3.32±.60	[.02, .35]	2<1
	2-14-16	3.14±.65		
Afeto negativo	1-11-13	1.63±.48	[-.35, -.07]	2>1
	2-14-16	1.84±.60		

Nota: PANAS – Positive and Negative Affect Schedule, M= Média; DP= Desvio Padrão; IC95%= intervalo de confiança 95%

Em relação à análise diferencial da socialização parental em função do sexo dos adolescentes, os resultados evidenciaram diferenças estatisticamente significativas na socialização parental, nomeadamente, no que se refere à socialização estabelecida com a mãe e com o pai. Assim, relativamente à mãe, os resultados demonstraram diferenças estatisticamente significativas ao nível da socialização parental em função do sexo dos adolescentes, nas seguintes variáveis: **afeto** [$t(144)= -2,507$; $p=.013$], com IC de 95% [-.38, -.05], os adolescentes do grupo 2, sexo feminino, percecionam um maior afeto por parte da mãe ($M=3.57$, $DP=.55$) do que os adolescentes do grupo 1, sexo masculino ($M=3.35$, $DP=.66$); **indiferença** [$t(139)= 2,311$; $p=.022$], com IC de 95% [.02, .29], os adolescentes do grupo 2, sexo feminino, percecionam uma menor indiferença por parte da mãe ($M=1.33$, $DP=.43$) do que os adolescentes do grupo 1, sexo masculino ($M=1.49$, $DP=.53$); **diálogo** [$t(228)= -2,331$; $p=.021$], com IC de 95% [-.39, -.03], os adolescentes do grupo 2, sexo

feminino, percebem um maior diálogo por parte da mãe ($M=3.35$, $DP=.64$) do que os adolescentes do grupo 1, sexo masculino ($M=3.13$, $DP=.68$).

Relativamente à socialização estabelecida com o pai, os resultados demonstraram diferenças estatisticamente significativas na socialização parental em função do sexo dos adolescentes relativamente à seguinte variável: **afeto** [$t(228) = -2,305$; $p = .022$], com IC de 95% [-.43, -.03], os adolescentes do grupo 2, sexo feminino, percebem um maior afeto por parte do pai ($M=3.37$, $DP=.72$) do que os adolescentes do grupo 1, sexo masculino ($M=3.14$, $DP=.76$).

Tabela 2

Análise diferencial da socialização parental em função do sexo dos adolescentes

ESPA-29	Sexo	M ± DP	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Mãe				
Afeto	1-Masculino	3.35±.66	[-.38, -.05]	2>1
	2- Feminino	3.57±.55		
Indiferença	1-Masculino	1.49±.53	[.02, .29]	2<1
	2- Feminino	1.33±.43		
Diálogo	1-Masculino	3.13±.68	[-.39, -.03]	2>1
	2- Feminino	3.35±.64		
Displacência	1-Masculino	1.31±.36	[-.15, .08]	n.s
	2- Feminino	1.34±.46		
Coerção Verbal	1-Masculino	2.07±.67	[-.11, .26]	n.s
	2- Feminino	1.99±.69		
Privação	1-Masculino	1.68±.54	[-.06, .23]	n.s
	2- Feminino	1.60±.54		
Pai				
Afeto	1-Masculino	3.14±.76	[-.43, -.03]	2>1
	2- Feminino	3.37±.72		
Indiferença	1-Masculino	1.64±.67	[-.02, .33]	n.s
	2- Feminino	1.49±.63		
Diálogo	1-Masculino	2.77±.73	[-.38, .02]	n.s
	2- Feminino	2.95±.75		
Displacência	1-Masculino	1.45±.60	[-.21, .15]	n.s
	2- Feminino	1.48±.68		
Coerção Verbal	1-Masculino	2.02±.64	[-.02, .34]	n.s
	2- Feminino	1.86±.67		
Privação	1-Masculino	1.64±.54	[-.04, .26]	n.s
	2- Feminino	1.53±.54		

Nota: ESPA- 29 – Escala de Socialização Parental, M = Média; DP = Desvio Padrão; $IC95\%$ = intervalo de confiança 95%

Sobre a análise diferencial da socialização parental em função do número de irmãos (ver tabela 3), ou seja, comparação entre filhos únicos e participantes com irmãos, os resultados não evidenciaram nenhuma diferença estatisticamente significativas na socialização parental.

Tabela 3

Análise diferencial da socialização parental em função do número de irmãos

ESPA-29	Número de irmãos	M ± DP	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Mãe				
Afeto	0-Filho único	3.48±.51	[-.20, .17]	n.s
	1- Com irmãos	3.49±.62		
Indiferença	0-Filho único	1.37±.39	[-.16, .13]	n.s
	1- Com irmãos	1.39±.50		
Diálogo	0-Filho único	3.31±.59	[-.15, .26]	n.s
	1- Com irmãos	3.26±.68		
Displicência	0-Filho único	1.28±.35	[-.19, .08]	n.s
	1- Com irmãos	1.34±.45		
Coerção Verbal	0-Filho único	2.00±.70	[-.23, .19]	n.s
	1- Com irmãos	2.02±.68		
Privação	0-Filho único	1.63±.55	[-.16, .17]	n.s
	1- Com irmãos	1.63±.54		
Pai				
Afeto	0-Filho único	3.27±.66	[-.24, .21]	n.s
	1- Com irmãos	3.29±.77		
Indiferença	0-Filho único	1.52±.58	[-.24, .16]	n.s
	1- Com irmãos	1.56±.67		
Diálogo	0-Filho único	2.91±.76	[-.21, .25]	n.s
	1- Com irmãos	2.88±.74		
Displicência	0-Filho único	1.42±.58	[-.27, .13]	n.s
	1- Com irmãos	1.49±.67		
Coerção Verbal	0-Filho único	1.84±.68	[-.30, .10]	n.s
	1- Com irmãos	1.94±.65		
Privação	0-Filho único	1.53±.55	[-.22, .11]	n.s
	1- Com irmãos	1.58±.54		

Nota: ESPA- 29 – Escala de Socialização Parental, M= média; DP= desvio padrão; IC95%= intervalo de confiança 95%

Associação entre o afeto positivo e negativo e socialização parental

Relativamente às correlações entre as variáveis em estudo (PANAS e ESPA-29) os resultados simplificados podem ser observados na tabela 4. A variável **afeto positivo** apresenta uma correlação estatisticamente significativa com as variáveis da Socialização

parental, tanto para a mãe: **afeto** ($r = .201, p < .01$), **diálogo** ($r = .209, p < .01$), como em relação ao pai: **afeto** ($r = .224, p < .01$), **diálogo** ($r = .220, p < .01$), sendo consideradas correlações de pequena magnitude. No que diz respeito às correlações entre as variáveis da socialização parental relativamente à mãe as variáveis que apresentam correlações significativas são: a **indiferença** e o **afeto** que apresenta uma correlação de média amplitude negativa ($r = -.482, p < .01$), o **diálogo** e o **afeto** ($r = .568, p < .01$) cuja correlação é de grande amplitude, a **displicência** e a **indiferença** ($r = .361, p < .01$), e a **privação** e a **coerção verbal** ($r = .482, p < .01$), que apresentam correlações de média amplitude. Ainda em relação à socialização parental, mas respeitante ao pai, as correlações mostram correlação negativa de grande magnitude entre as variáveis **indiferença** e **afeto positivo** ($r = -.546, p < .01$), de média amplitude entre as variáveis **diálogo** e **indiferença** ($r = -.440, p < .01$), **displicência** e **diálogo** ($r = -.300, p < .01$) e **displicência** e **afeto positivo** ($r = .294, p < .01$). É possível ainda observar correlações positivas de grande magnitude entre as variáveis **diálogo** e **afeto positivo** ($r = .707, p < .01$) e ainda **privação** e **coerção verbal** ($r = .509, p < .01$). Relativamente ao **afeto negativo** as correlações observadas foram pouco significativas, salientando-se a correlação negativa com a variável **afeto** (mãe e pai) ($r = -.160, p < .05$), e ainda a correlação de baixa magnitude com a variável **coerção verbal** (mãe) ($r = .144, p < .05$).

Tabela 4

Associação entre o afeto positivo e negativo e socialização parental

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Afetividade														
1. AP	1													
2. NA	.113	1												
Socialização parental – Mãe														
3. A	.201**	-.160*	1											
4. IN	-.080	.129	.482**	1										
5. DI	.209**	-.086	.568**	.304**	1									
6. DIS	-.061	.059	.134*	.361**	.156*	1								
7. CV	-.044	.144*	.100	.167*	-.117	.168*	1							
8. PR	-.023	-.025	.003	.090	.032	.259**	.482**	1						
Socialização Parental – Pai														
9. A	.224**	-.166*	.736**	-.275**	.428**	-.047	-.125	-.030	1					
10. IN	-.137*	.118	.393**	.707**	.243**	.227**	.215**	.156*	.546**	1				
11. DI	.220**	-.124	.437**	-.181**	.694**	-.093	-.111	.030	.707**	.440**	1			
12. DIS	-.121	.032	.148*	.286**	-.120	.728**	.211**	.247**	.294**	.503**	.300**	1		
13. CV	.026	.118	.042	.135*	.143*	.148*	.835**	.391**	.033	.100	.033	.094	1	
14. PR	.034	-.011	.002	.044	-.069	.229**	.380**	.834**	.102	-.032	.149*	.123	.509**	1

Nota: AP= Afeto positivo; AN= Afeto negativo; A= Afeto; IN= Indiferença; DI= Diálogo; DIS= Displícência; CV= Coerção verbal; PR=Privação; M= Média, DP= Desvio-padrão *p= ≤ .05 ; **p ≤ .01

Análises preditivas: o papel preditor da idade e da socialização parental no afeto positivo e negativo

Com o intuito de analisar a influência da idade e da socialização parental na predição do afeto positivo e negativo, recorreu-se à regressão múltipla hierárquica, como é possível observar na tabela 5. Neste sentido foram criados quatro blocos: O bloco 1 diz respeito à variável *dummy*: idade (0= 11 aos 13 anos; 1= 14 aos 16 anos); o bloco 2 engloba as variáveis da socialização parental respeitantes à mãe, e o bloco 3 inclui as variáveis da socialização parental respeitantes ao pai, como é possível observar na tabela 4. Relativamente ao afeto positivo o bloco 1 apresenta um contributo significativo [F (1,228) = 4.805 $p = .029$], sendo que o modelo como um todo explica 2.1% da variância no afeto positivo ($R^2 = .021$). Relativamente ao afeto negativo o bloco 1 apresenta um contributo significativo [F (1,228) = 8.228 $p = .005$], o modelo como um todo explica 3.5% da variância no afeto negativo ($R^2 = .035$). A análise do papel de cada uma das dimensões revelou que uma das variáveis do bloco 2 evidencia uma contribuição significativa ($p \leq .05$), predizendo positivamente o afeto negativo: a coerção verbal ($\beta = .173$).

Tabela 5

Papel preditor da idade e da socialização parental no afeto positivo e negativo

	R^2	R^2 Change	B	S. Error	β	t	p
AFETO POSITIVO							
Bloco 1- Idade (<i>dummy</i>)	.021	.021	-.185	.089	-.144	-2.192	.029
Bloco 2 – Socialização Parental – Mãe	.072	.051					
Afeto							
Indiferença							
Diálogo							
Displicência							
Coerção verbal							
Privação							
Bloco 3 – Socialização Parental – Pai	.098	.043					
Afeto							
Indiferença							
Diálogo							

Displicência							
Coerção verbal							
Privação							
AFETO NEGATIVO							
Bloco 1- Idade (<i>dummy</i>)	.035	.035	.212	.074	.187	11.552	.005
Bloco 2 – Socialização Parental – Mãe	.082	.047					
Afeto							
Indiferença							
Diálogo							
Displicência							
Coerção verbal			.141	.061	.173	2.317	.021
Privação							
Bloco 3 – Socialização Parental – Pai	.101	.019					.036
Afeto							
Indiferença							
Diálogo							
Displicência							
Coerção verbal							
Privação							

Nota: B, SE, β para um nível de significância de $p < .05$.

Discussão

O presente estudo pretendeu analisar o afeto positivo e negativo tendo por base a idade dos adolescentes, explorar a socialização parental em função do sexo dos participantes, explorar as associações existentes entre o afeto positivo e negativo e a socialização parental, e, por fim, analisar a capacidade preditiva da idade e da socialização parental no afeto positivo e negativo.

Sobre o afeto positivo e negativo em função da idade dos participantes, concluiu-se que os participantes com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos percebem um

maior afeto positivo e também um menor afeto negativo, quando comparados com os indivíduos cujas idades variam entre os 14 e os 16 anos. Noronha, Freitas, Piovezan e Joly (2013), já haviam sugerido que a diminuição do afeto positivo acontece quando a idade avança, explicando este facto com a entrada na fase da adolescência, fase crucial no desenvolvimento sendo o auge do processo de crescimento não só físico, mas também emocional e da personalidade (Pratta & Santos, 2007). Estes dados vão ao encontro de estudos que referem que o bem-estar subjetivo, do qual faz parte o afeto positivo, é mais elevado em idades mais novas, diminuído posteriormente com o avançar da idade, uma vez que as preocupações também aumentam (Berjano, Foguet & González, 2008; Bradshaw, Keung, Rees & Goswami, 2011; Fernandes, Mendes & Teixeira, 2013; Matos, Gonçalves & Gaspar, 2005).

Relativamente à socialização parental, tendo em conta o sexo dos participantes neste estudo, verificou-se que os participantes do sexo feminino, relativamente à mãe, percebem maior afeto, menor indiferença e maior diálogo. Esta conclusão poderá estar intimamente ligada ao facto de as mães, regra geral, assumirem nos primeiros tempos de vida o papel de principais cuidadoras, ajudando a criança a descobrir, identificar e interpretar as emoções, tendo em conta a sua maior sensibilidade para as questões afetivas (Del Barrio, 2002; Volling, McElwain, Notaro & Herrera, 2002). Um estudo de Melo (2005) concluiu que as mães utilizam mais estratégias para encorajar a expressão dos afetos e emoções para com os filhos, podendo estes ser percebidos como uma maior preocupação e envolvimento emocional da figura materna. Também foi perceptível um maior afeto por parte do pai, no entender das participantes do sexo feminino. Quando Poonam e Punia (2012) estudaram a influência da ordem de nascimento e do sexo no afeto parental, concluindo que independentemente da ordem de nascimento as raparigas eram mais acarinhadas pela figura paterna.

Ainda sobre a socialização parental, tendo como base o número de irmãos, verificamos anteriormente que os resultados obtidos, não tinham sido significativos, ou seja não são detetadas diferenças estatisticamente significativas nas práticas parentais tanto com filhos únicos como nas fratrias. Rosenberg e Hyde (1993) já haviam chegado a esta conclusão anteriormente, salientando-se que parece não ser o facto de se ter ou não irmãos que modifica as estratégias parentais, mas sim outros fatores, como a posição na fratria. Adicionalmente, o mais relevante: a individualidade de cada um dos membros, isto é, cada progenitor acaba por ajustar-se a cada um dos filhos de maneira diferente atendendo às suas particularidades e necessidades (Dunn & Kendrick, 1981).

No que se refere à associação das variáveis afeto positivo e negativo e socialização parental podemos aferir que o afeto positivo está diretamente associado ao afeto e ao diálogo que os participantes percecionam em relação a ambos os progenitores. Vários autores sugerem que um bom indicador do afeto positivo são as relações interpessoais que o sujeito estabelece com os outros (Bradshaw, Keung, Rees & Goswami, 2011; Gasparetto, Giacomoni & Bandeira, 2017; Giacomoni, 2002), sendo para isso fundamental o nível de diálogo estabelecido entre eles. Parra e Oliva (2004) salientam ainda que o afeto e a comunicação são importantes para um melhor ajuste dos adolescentes. É ainda evidente, a ligação positiva existente entre o diálogo e o afeto tanto na relação com a mãe, como com o pai, ou seja, quanto maior o diálogo percecionado maior o afeto evidenciado pelos participantes, e vice-versa. Para Moraes et al. (2007), estas são características dos pais cujas práticas parentais são de aceitação, utilizando a aprovação, o afeto e o carinho, no entanto quando os comportamentos dos filhos entram em desacordo com as normas, os pais utilizam o diálogo como forma de moldar comportamentos futuros. Sobre a indiferença, está mostra-se ligada negativamente ao afeto, afeto positivo e também ao diálogo, sugerindo que quanto maior é a indiferença percecionada pelos filhos, menor é o afeto, o afeto positivo, e o nível de diálogo

existente, corroborando Moraes et al. (2007). Já a grande ligação positiva entre as variáveis privação e coerção verbal, em relação a ambas as figuras parentais, explica-se pela utilização, em simultâneo, da coerção verbal e aplicação de castigos punitivos, prendendo-se com um estilo parental mais coercivo/impositivo, na tentativa de eliminar comportamentos indesejados, sendo que estas estratégias não são eficazes, se não forem acompanhadas de diálogo por parte dos pais (Musitu & Garcia, 2004). É possível ainda observar que as variáveis afeto positivo e a afeto negativo não se correlacionam significativamente entre si, corroborando a literatura existente que refere a sua independência (Bradburn, 1969; Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985), indo ao encontro do que o autor original propõe de que ambas as variáveis são tendencialmente independentes (Watson et al., 1988).

No que concerne à capacidade preditiva da idade e da socialização parental nos afetos positivos e negativos, conclui-se que a idade dos 11 aos 13 anos tem uma maior papel preditivo no afeto positivo e negativo, explicando Goldbeck, Schmitz, Besier, Herschbach e Henrich (2007), que durante a adolescência tende a existir um menor nível de satisfação com a vida, devido às mudanças inerentes a esta fase do desenvolvimento, sendo por isso expectável que os níveis de afeto positivo sejam mais baixos nesta fase, em que começam a existir um maior número de preocupações com o futuro aumentando os níveis de afeto negativo. Existem ainda evidências de que a coerção verbal surge como preditora do afeto negativo, sendo que a repreensão dos pais, face aos comportamentos inadequados dos filhos é geradora de sentimentos negativos e é capaz de predizer o afeto negativo (Nunes, Luis, Lemos & Ochoa, 2015).

Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros

Este estudo pretendeu estudar as questões da socialização parental, associando-as aos afetos positivos e negativos, numa tentativa de melhor explicar estes fenómenos, contribuindo assim para a sua compreensão, e aplicação na prática clínica.

Este estudo demonstra-se necessário na prática clínica, para uma melhor compreensão das problemáticas respeitantes às famílias, que cada vez mais sofrem modificações e carecem de constante investigação para melhor responder às suas necessidades, e também na compreensão das emoções dos adolescentes, sendo está uma fase crucial do desenvolvimento do ser humano e que acarreta experiências, vivências e sentimentos muito discrepantes.

Como em todos os estudos do género existem sempre pontos a melhorar, e aspetos que limitaram de alguma forma a investigação. Uma das principais limitações identificadas prende-se com o facto de o protocolo aplicado aos adolescentes ser muito extenso, e a sua aplicação ter decorrido em contexto sala de aula, levando a uma maior exaustão por parte dos participantes, que em algumas situações deixaram questões por responder, levando à exclusão do participante no estudo em causa.

O estudo em causa centrou-se na visão dos filhos sobre si mesmos e sobre as atitudes dos pais, na perspectiva dos primeiros, no entanto parece relevante estudar também a perceção dos pais sobre a socialização parental, sendo que um estudo comparativo entre as perceções dos pais e também dos filhos poderia ser relevante para o estudo destas temáticas.

Referências bibliográficas

- Aboim, S., & Wall, K. (2002). “Tipos de família em Portugal: Interações, valores e contextos”. *Análise Social – Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, 37 (163), 475-506.
- Ainsworth, M. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Alarcão, M. (2000). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.

- Almodovar, J. (1986). Construction et économie des liens fraternels. *Le Groupe Familial*, 111(4), 2-8.
- Bank, L., Patterson, G., & Reid, J. (1996). Negative sibling interaction patterns as predictors of later adjustment problems in adolescent and young adult males. In G. H. Brody (Ed.), *Sibling relationships: Their causes and consequences* (197-229). Norwood: Ablex.
- Berjano, R., Foguet, J., & González, A. (2008). El desarrollo de estilos de vida en los adolescentes escolarizados: diferencias entre chicos y chicas. *IberPsicología*, 13(1), 51-74.
- Boeckel, M. G., & Sarriera, J. C. (2006). Estilos parentais, estilos atribucionais e bem-estar psicológico em jovens universitários. *Revista brasileira crescimento e desenvolvimento humano*, 16(3), 53-65.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment attachment and healthy healthy human development*. London: Basic Books
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora.
- Bradburn, N. (1969). *The structure of psychological wellbeing*. Chicago: Aldine.
- Bradshaw, J., Keung, A., Rees, G., & Goswami, H. (2011). Children's subjective well-being: International comparative perspectives. *Children and Youth Services Review*, 33(4), 548-556. doi:10.1016/j.chilyouth.2010.05.010
- Brody, G. H. (1998). Sibling relationship quality: Its causes and consequences. *Annual Review of Psychology*, 49, 1-24. doi: 10.1146/annurev.psych.49.1.1
- Brody, G. H., Stoneman, Z., & McCoy, J. K. (1994). Contributions of family relationships and child temperaments to longitudinal variations in sibling relationship quality and

- sibling relationship styles. *Journal of Family Psychology*, 8, 274-286. doi: 10.1037/08933200.8.3.274
- Del Barrio, M. V. (2002). *Emociones Infantiles: Eevolución, evaluación y prevención*. Madrid: Pirâmide.
- Diener, E., Emmons, A. R., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1981). Interaction between young siblings: association with the interaction between mother and first born child. *Developmental Psychology*, 17 (3), 336-343.
- Dunn, J., Slomkowski, C., Beardsall, L., & Rende, R. (1994). Adjustment in middle childhood and early adolescence: Links with earlier and contemporary sibling relationships. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35, 491-504. doi: 10.1111/j.1469-7610.1994.tb01736.x
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2006). All in the family? Family environment factors in sibling violence. *Journal of Family Violence*, 21, 497-507. doi: 10.1007/s10896-006-9048-9.
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2009). A push or a punch: Distinguishing the severity of sibling violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 24, 183-208. doi: 10.1177/0886260508316298.
- Fernandes, L., Mendes, A., & Teixeira, A. (2013). Assessing child well-being through a new multidimensional child-based weighting scheme index: An empirical estimation for Portugal. *The Journal of Socio-Economics*, 45, 155 - 174.
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2013). *Questionário sociobiográfico – QSB*. Manuscrito não publicado. Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.

- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J.V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia, 24*(3), 297-304.
- Galinha, I. C., Pereira, C. R., & Esteves, F. (2014). Versão reduzida da escala Portuguesa de afeto positivo e negativo – PANAS-VRP: Análise fatorial confirmatória e invariância temporal. *Revista Psicologia, 28*(1), 53-65.
- Galinha, I., & Ribeiro, J. (2005). Contributions for the study of the Portuguese version of Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Psychometric study. *Análise Psicológica, 23*, 219-227.
- Gasparetto, L., Bandeira, C., & Giacomoni, C. (2017). Bem-Estar subjetivo e Traços de Personalidade em crianças: Uma relação Possível?. *Temas em Psicologia, 25*(2), 447-457. doi: 10.9788/TP2017.2-03
- Giacomoni, C. H. (2002). *Bem-estar subjetivo infantil: Conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação* (Tese de doutoramento não publicada). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Goldbeck, L., Schmitz, T. G., Besier, T., Herschbach, P., & Henrich, G. (2007). Life satisfaction decreases during adolescence. *Quality of Life Research, 16*, 969-979.
- Gornick, J. & Meyers, M. (2004). “Welfare regi-mes in relations to paid work and care”, in J. Giele e E. Holst (eds.), *Changing lifepatterns in Western industrial societies*, Netherlands, Elsevier Science Press
- Hoffman, K. L., Kiecolt, K. J., & Edwards, J. N. (2005). Physical violence between siblings: A theoretical and empirical analysis. *Journal of Family Issues, 26*, 1103-1130. doi: 10.1177/0192513x05277809
- Lins, Z., Salomão, N., Borges, L., Lins, S., & Carneiro, T. (2015). Metas parentais de socialização em relação ao desenvolvimento de seus filhos. *Interação Psicológica, 19*(1), 85-96.

- MacKinnon-Lewis, C., Starnes, R., Volling, B., & Johnson, S. (1997). Perceptions of parenting as predictors of boys sibling and peer relations. *Developmental Psychology*, 33(6), 1024-1031.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística: Com utilização do SPSS* (3.^a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Matos, M., Gonçalves, A., & Gaspar, T. (2005). *Aventura social e saúde: prevenção do VIH numa comunidade migrante*. Lisboa: CMDT/IHMT/UNL.
- Melo, A. (2005). *Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança* (Tese de Mestrado não publicada). Braga: Universidade do Minho
- Moraes, R., Camino, C., Costa, J., Camino, L. & Cruz, L. (2007). Socialização Parental e Valores: Um estudo com Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(1), 167-177.
- Mulaik, S. A., James, L. R., Van Alstine, J., Bennett, N., Lind, S., Stilwell, C. D. (1989). Evaluation of goodness-of-fit indices for structural equation models. *Psychological Bulletin*, 105(3), 430–445. doi: 10.1037/0033-2909.105.3.430.
- Musitu, G., & García, F. (2001). *ESPA-29: Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescência*. Madrid: TEA.
- Musitu, G., & García, F. (2004). *Manual da ESPA-29 – Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia* (2^a Ed.). Madrid: TEA.
- Noller, P. (2005). Sibling relationships in adolescence: Learning and growing together. *Personal Relationships*, 12, 1-22. doi: 10.1111/j.1350-4126.2005.00099.x
- Noronha, A., Freitas, P., Piovezan, N. & Joly, M. (2013). Afetos Positivos e Negativos e Autoeficácia em jovens do ensino médio. *Revista Psicologia Trujillo (Perú)*, 15(1), 9-21.

- Nunes, C., Luís, K., Lemos, I., & Ochoa, G. M. (2015). Características Psicométricas da Versão Portuguesa da Escala de Socialização Parental na Adolescência ESPA - 29. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 253-260.
- Parra, A., & Oliva, A. (2006). Un análisis longitudinal sobre las dimensiones relevantes del estilo parental durante la adolescencia. *Infancia y Aprendizaje*, 29(4), 453-470.
- Patterson, G. R., Dishion, T. J., & Bank, L. (1984). Family interaction: A process model of deviancy training. *Aggressive Behavior*, 10, 253-267. doi: 10.1002/10982337(1984)10:3<253::aidab2480100309>3.0.co;2-2
- Pike, A., Coldwell, J., & Dunn, J. (2005). Sibling relationships in early/middle childhood: Links with individual adjustment. *Journal of Family Psychology*, 19, 523-532. doi: 10.1037/08933200.19.4.523
- Pooman, P., & Punia, S. (2012). Impact of parental and contextual facts on differential treatment of siblings in the families. *Studies on Home and Community Science*, 6(2), 107-112.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, 12(2), 247-256.
- Relvas, A. P. (2000). *O Ciclo Vital da Família: Perspetiva Sistémica*. Edições (2ª Ed). Edições Afrontamento: Porto.
- Ribeiro, I., & Ribeiro, A. C. T. (1994). *Família e desafios na sociedade brasileira: Valores como um ângulo de análise*. Rio de Janeiro: Centro João XXIII.
- Rocha, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. *Análise Psicológica*, 2(29), 185- 200.
- Rogoff, B. (2005). *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.

- Rosenberg, B. G., & Hyde, J. S. (1993). *Differential socialization of only and first-children*. Paper presented at Society for Research in Child Development meetings, New Orleans, Louisiana.
- Sapouna, M., & Wolke, D. (2013). Resilience to bullying victimization: The role of individual, family and peer characteristics. *Child Abuse & Neglect, 37*, 997-1006. doi: 10.1016/j.chiabu.2013.05.009
- Sherman, A. M., Lansford, J. E., & Volling, B. L. (2006). Sibling relationships and best friendships in young adulthood: Warmth, conflict, and well-being. *Personal Relationships, 13*, 151-165. doi: 10.1111/j.1475-6811.2006.00110.x
- Snyder, J., Bank, L., & Burraston, B. (2005). The consequences of antisocial behavior in older male siblings for younger brothers and sisters. *Journal of Family Psychology, 19*, 643-653. doi: 10.1037/0893-3200.19.4.643
- Steinberg, L., & Morris, A. S. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology, 52*, 83-110.
- Tippett, N., & Wolke, D. (2015). Aggression between siblings: Associations with the home environment and peer bullying. *Aggressive Behavior, 41*(1), 14-24.
- Toman, W. (1993). *Family constellation: Its effects on personality and social behavior*. New York: Springer Publishing.
- Updegraff, K. A., Thayer, S. M., Whiteman, S. D., Denning, D. J., & McHale, S. M. (2005). Relational aggression in adolescents' sibling relationships: Links to sibling and parent-adolescent relationship quality. *Family Relations, 54*, 373-385. doi: 10.1111/j.1741-3729.2005.00324.x
- Vespo, J. E., Pedersen, J., & Hay, D. F. (1995). Young children's conflicts with peers and siblings: Gender effects. *Child Study Journal, 25*, 189-212.

- Vieira, M., Crepaldi, M., Bossardi, C., Gomes, L., Bolze, S., & Piccinini, C. (2014). Paternidade no Brasil: Revisão sistemática de estudos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *66*(2), 36-52.
- Volling, B. L., & Belsky, J. (1992). The contribution of mother-child and father-child relationships to the quality of sibling interaction: A longitudinal study. *Child Development*, *63*, 1209-1222. doi: 10.1111/1467-8624.ep9301210072
- Volling, B. L., McElwain, N. L., Notaro, P. C., & Herrea, C. (2002). Parents' emotions availability and infant emotional competence: Predictors of parent-infant attachment and emerging self-regulation. *Journal of Family Psychology*, *16*, 447-465. doi: 10.1037/0893-3200.16.4.447
- Volling, B. L., Youngblade, U. M., & Belsky, J. (1997). Young children's social relationships with siblings and friends. *American Journal of Orthopsychiatry*, *67*, 102-111. doi: 10.1037/h0080215
- Watson, D., & Clark, L. (1997). Measurement and mismeasurement of mood: Recurrent and emergent issues. *Journal of Personality Assessment*, *68*, 267-296.
- Watson, D., Clarck, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, *54*, 1063-1070.
- Yeh, H., & Lempers, J. (2004). Perceived sibling relationships and adolescent development. *Journal of Youth and Adolescence*, *33*, 133-147. doi: 10.1023/B:JOYO.0000013425.86424.0f

Estudo Empírico II:

Fratrnia: afetos e conflitos numa amostra de adolescentes

Siblings: affections and conflicts in the sample of adolescents

Resumo

As táticas de resolução de conflitos têm um papel significativo tanto no relacionamento entre irmãos como nos afetos, desencadeando processos positivos e de aprendizagem, ou pelo contrário, levando a situações negativas e agressivas, comprometendo não só a vida dos adolescentes no momento como também no futuro. O presente estudo pretendeu analisar a relação entre os afetos e o relacionamento fraterno durante a adolescência. A amostra para esta investigação foi constituída por 210 adolescentes, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos ($M= 14.1$; $DP= 1.3$), utilizando-se quatro instrumentos: o Questionário sociobiográfico; a *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa (PANAS, Galinha & Ribeiro, 2005); as *The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP, Straus, Hamby, Finkelhor, Boney-McCoy & Sugarman, 1995); e o *Questionário do irmão ou irmã* – Versão portuguesa (BSQ, Relva, Fernandes, Alarcão, Graham-Bermann & Lopes, 2016). Este estudo permitiu concluir que: (a) as táticas da resolução de conflitos são diferenciadas em função do sexo do participante e do número de irmãos; (b) os participantes mais jovens, percebem maiores níveis de empatia face aos irmãos; (c) é evidente a correlação existente entre o afeto positivo e a negociação e a agressão psicológica; (d) existem associações negativas entre a relação fraterna e as táticas de resolução de conflitos que envolvem o recurso à agressão; (e) a relação fraterna e a empatia são capazes de prever o afeto positivo. Tendo em conta as conclusões a que chegamos parece pertinente sugerir a implementação junto das escolas, de programas educativos com o objetivo de trabalhar as emoções e os afetos entre as crianças e jovens.

Palavras-chave: afetos; irmãos; resolução de conflitos;

Abstract

Conflict resolutions tactics play a significant role both in relationship between siblings and in the affections, triggering positive and learning processes or leading to negative and aggressive situations, compromising not only the adolescents' life at the moment but also in the future. The present study aimed to analyse the relationship between affections and the fraternal relationship during adolescence. The sample for this research consisted of 210 adolescents, aged between 11 and 16 ($M = 14.1$; $SD = 1.3$), using four instruments: the sociobiographic Questionnaire; a Positive and Negative Affect Schedule – Portuguese version (PANAS, Galinha & Pais-Ribeiro, 2005); *The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP, Straus, Hamby, Finkelhor, Boney-McCoy & Sugarman, 1995); and Brother-Sister Questionnaire – Portuguese version (BSQ, Relva, Fernandes, Alarcão, Graham-Bermann & Lopes, 2016). This study allows concluded that: (a) the tactics of conflict resolution are differentiated according to the sex of the participant and the number of siblings; (b) the younger participants perceive higher levels of empathy towards siblings; (c) the correlations between positive affection and negotiation and psychological aggression is evident; (d) there are negative associations between the fraternal relationship and the tactics of conflict resolution that involve the use of aggression; (e) the fraternal relationship and the empathy are able to predict the positive affection. Considering the conclusions we've reached, it seems appropriate to suggest the implementation of educational programs in schools with the aim of working with the emotions and affections of children and young people.

Keywords: *affections; siblings; conflict resolution.*

Introdução

O período da adolescência é pautado por rebeldia e desafio das normas e regras sociais, que podem levar a consumos de substâncias e violência, sendo este um período difícil quer para os pais quer para os filhos (Relvas, 2000). Benoit, Malarewicz, Beaujean, Colas e Kannas (1988), referiram-se à adolescência como uma etapa caracterizada por “um processo de maturação que dá ao indivíduo a possibilidade de adquirir um conjunto de elementos que lhe permitem autonomizar-se em relação à sua família de origem” (p. 3). Para os adolescentes esta é uma etapa de grandes dualidades: por um lado há uma necessidade de autonomia, mas também de dependência; vontade de ir embora e distância da família, e ao mesmo tempo uma necessidade de suporte e proteção; momentos de depressão e tristeza alternam com momentos de otimismo e entusiasmo, que fazem com que por vezes o adolescente se sinta em confronto com ele próprio (Relvas, 2000).

Sendo que as relações fraternas são, salvo exceções, as mais longas das nossas vidas (Bank & Kahn 1997), têm grande influencia no decurso das nossas vidas, sendo que as interações positivas entre os irmãos trazem grandes benefícios, nomeadamente no que concerne ao desenvolvimento de habilidades ao nível cognitivo e social e de cooperação com os outros (Noller, 2005). É no contexto fraterno que se desenvolvem habilidades ao nível da expressão dos sentimentos, partilha de experiências e conhecimentos (Dunn, O'Connor & Cheng, 2005). Para Johnston e Freeman (1989), as relações longas entre irmãos, quando são positivas têm grandes benefícios, no entanto quando estas relações são negativas também acarretam muitas consequências negativas. As relações entre irmãos acabam assim, por influenciar muitas outras relações em outros subsistemas: as relações entre pais-filhos, extra família nuclear, como os pares, e até de namoro, na procura de aprovação dos irmãos nestes relacionamentos (Hetherington, 1994) podendo afirmar-se que as relações fraternas não ocorrem isoladamente, mas em parceria com outros subsistemas (Criss & Shaw, 2005).

Um estudo de Bassuk, Mickelson, Bissel e Perloff (2002), concluiu que as relações entre irmãos têm grande importância ao nível da saúde mental, chegando a ter um papel mais relevante do que a relação com os pais. O mesmo estudo refere ainda que em famílias com baixos recursos quer económicos, quer ao nível das competências parentais, os irmãos tendem a oferecer um maior suporte e segurança uns aos outros, colmatando assim as ausências dos progenitores.

Sendo a violência exercida na fratria, uma das mais comuns no contexto familiar (Khan & Cooke, 2013; Radford, Corral, Bradley & Fisher, 2013), ainda são escassos os estudos desta temática (Relva, Fernandes, Alarcão & Martins, 2014), incidindo-se maioritariamente na violência doméstica no sentido mais estrito. Os estudos realizados em Portugal (Relva et al., 2012a, 2012b, 2014) sugerem que no contexto fraternal a estratégia de resolução de conflitos mais utilizada é a negociação, seguindo a violência psicológica e a violência física, tal como corroborado por Straus, Hamby, Finkelhor, Boney-McCoy e Sugarman (1995), sendo que o seu impacto nas vítimas é bastante negativo (Button & Gealt, 2010; Caspi, 2012; Khan & Rogers, 2015; Wiehe, 1997).

O principal motivo para esta desvalorização deve-se à dificuldade em delimitar que comportamentos são normativos ou não, entre irmãos (Eriksen & Jensen, 2009), considerando-a inofensiva ou integrante do quotidiano familiar (Caspi, 2012; Eriksen & Jensen, 2009; Skinner & Kowalski, 2013), ou, ainda, como sendo uma forma de resolução comum dos problemas entre os irmãos (Dunn & Kendrick, 1982). Não só a violência entre irmãos é aceite, como é esperada, e também por este motivo é normalizada tanto pelas vítimas (Kettrey & Emery, 2006), como pela família (Caffaro & Conn-Caffaro, 2005), e até mesmo por profissionais de saúde (Omer, Schorr-Sapir & Weinblatt, 2008). A falta de intervenção dos pais nas situações de violência entre irmãos reforça a continuidade deste tipo de violência (Hoffman & Edwards, 2004; Kiselica & Morrill-Richards, 2007).

Existem alguns fatores que parecem estar diretamente relacionados com a existência de violência na fratria, nomeadamente a idade, que parece ter algum peso nos tipos de violência exercidos e na sua gravidade: em crianças mais jovens (até aos 8 anos de idade) a violência física é utilizada como forma de resolver conflitos, entre os 9 e os 13 anos a violência física é utilizada para definir fronteiras, e os adolescentes tendem a utilizar a violência física, maioritariamente como forma de lidar com as responsabilidades e obrigações inerentes à idade (Kiselica & Morrill-Richards, 2007).

As consequências da violência entre irmãos são inúmeras e podem ter um impacto muito prejudicial a curto e a longo prazo na vida dos sujeitos, nomeadamente, quem experiencia um ou mais tipos de violência na fratria tende a exibir maiores dificuldades no futuro, ao nível da saúde mental (Tucker, Finkelhor, Turner & Shattuck, 2013), como problemas emocionais, ansiedade (Mackey, Fromuth & Kelly, 2010) e depressão (Stocker, Burwell e Briggs, 2002), perturbações alimentares (Canavan, Meyer & Higgs, 1992; Relva, Fernandes, Alarcão & Martins, 2014; Wiehe, 1997), dificuldades académicas, problemas comportamentais (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998; Duncan, 1999; Relva et al., 2014; Snyder, Bank & Burraston, 2005), abuso de substâncias e alcoolismo (Button & Gealt, 2010) e perturbações relacionadas com o trauma (Finkelhor, Turner & Ormrod, 2006).

Ensor, Marks, Jacobs e Hughes (2010) realizaram um estudo e concluíram que em crianças pequenas a violência entre irmãos influencia significativamente a ocorrência de episódios de *bullying* num futuro próximo. Vários estudos referem que os rapazes são mais frequentemente agressores no que toca à violência na fratria, do que as raparigas (Eriksen & Jensen, 2006, 2009; Graham-Bermann, Cutler, Litzenberger & Schwartz, 1994; Tippett & Wolke, 2015), sendo que as vítimas tendem a ser de ambos os sexos (Button & Gealt, 2010; Tucker, Finkelhor, Shattuck & Turner, 2013).

No que toca à idade, existem evidências de que a violência fraterna tende a diminuir na adolescência (Eriksen & Jensen, 2006; Finkelhor, Turner & Ormrod, 2006; Radford et al., 2013; Tremblay et al., 2004), podendo explicar-se pelo facto de crianças mais pequenas apresentarem maior dificuldade em regular emoções e o uso da violência (Tippett & Wolke, 2015).

Uma investigação de Tippett e Wolke (2015) concluiu que a violência na fratria é generalizada e assumida por mais de um terço dos participantes no estudo, que ter mais do que um irmão e também ter irmãos rapazes aumenta a probabilidade de vitimação. Os irmãos mais velhos também tendem a iniciar com mais frequência interações agressivas, podendo justificar-se pela vantagem física e/ou mental que o mais velho tem sobre os restantes irmãos (Abramovitch, Carter, Pepter & Stanhope, 1986). O contrário também se verifica com os irmãos mais novos a iniciar comportamentos violentos. Uma das explicações apresentadas é de que os irmãos mais novos entendem que os primogénitos estão mais próximos dos pais (Rohde et al., 2003; Saroglou & Fiasse, 2003) e o ciúme leva a que os mais novos exibam comportamentos mais agressivos (Tippett & Wolke, 2015).

Estudos recentes indicam que o sexo masculino tende a utilizar com maior prevalência estratégias de resolução de conflitos com recurso à agressão física (sem sequelas), quando comparados com o sexo feminino (Carvalho, Relva & Fernandes, 2018; Relva et al., 2014), podendo estar associado à maior aceitação social da violência por parte dos rapazes (Fernandes, 2005). Quando a fratria é constituída por rapazes, também parece verificar-se uma maior incidência da violência (Lopes, Fernandes & Relva, 2017), indo ao encontro das teorias avançadas anteriormente. A vivência e/ou exposição à violência a que algumas crianças estão sujeitas dentro do contexto familiar pode também influenciar a repetição dos comportamentos na relação fraterna (Hoffman, Kiecolt & Edwards, 2005; Wallace, 2007).

Para Fernandes (2005), os conflitos entre irmãos dependem de diversos fatores, nomeadamente: a diferença de idades entre eles, sendo que quanto maior for a diferença melhor será a relação, no que aos conflitos diz respeito; o género, irmãos de géneros diferentes exibem menos rivalidades, uma vez que não competem pelas mesmas coisas (objetos, atenção dos progenitores, etc.); e a forma como são tratados pelos progenitores, que mesmo pretendendo tratar os filhos de igual modo, fazem-no de forma diferente, e têm expectativas diferentes em relação a cada um deles.

O papel dos pais na resolução de conflitos entre os filhos é determinante, sendo importante salientar que a individualidade de cada um deve prevalecer, as suas necessidades e desejos são diferentes, e o papel dos pais é responder de forma diferente, mas justa a cada um deles, de modo a minimizar os conflitos (Fernandes, 2005).

Nas relações fraternas pautadas por violência, as consequências tanto a curto como a longo prazo são variadas, quer ao nível emocional como a depressão, ansiedade (Duncan, 1999), baixa auto estima, e em casos mais extremos, podem estar danos na personalidade (Fernandes, 2005), mas também ao nível social como problemas em relacionar-se com os pares.

Apesar da forte conotação negativa associada aos conflitos, existem autores que defendem a sua importância para o desenvolvimento. Fortalecer o caráter, a agilidade motora, capacidade de argumentar e chegar a um consenso, e perseverança face às dificuldades, são algumas das competências que os irmãos desenvolvem com os conflitos (Faber & Mazlish, 1995).

A relação que os irmãos estabelecem entre si é ímpar, e dotada de um vínculo especial, que permite uma vivência de sentimentos variados e intensos, sejam eles positivos ou negativos, sendo esta uma relação muito ambivalente, principalmente nas fases na infância e adolescência (Moreno, 2004). A relação fraterna é pautada por conflitos e rivalidades fruto da

constante convivência entre os membros da fratria, no entanto as relações mantem-se indissolúveis (Campione-Barr & Smetana, 2010).

O papel dos irmãos na família é relevante, promovendo entre os seus membros uma noção de partilha e reciprocidade, quer em termos emocionais, sociais e relacionais como na partilha de momentos e experiências. A relação fraterna pode também ser entendida como um laboratório onde é possível vivenciar sentimentos e momentos cruciais para as vivências futuras, como por exemplo a capacidade de criar empatia com o outro (Losso, 2001). Um estudo de Milevsky (2005) analisou a relação fraterna com base no apoio que os irmãos constituem dentro das fratrias, e concluiu que o apoio fraterno permite que a passagem à vida adulta seja menos solitária, encontrando-se também associada a níveis mais baixos de depressão, aumentando os níveis de satisfação com a vida e autoestima. O apoio dos irmãos mostra-se ainda extremamente relevante, quando a relação com os progenitores é deficitária (Tucker & Updegraff, 2009).

Em função do que foi exposto definimos como objetivos desta investigação, e dada a escassez de investigação da relação entre as variáveis acima mencionadas estabelecemos como objetivos específicos: (a) explorar a influência da idade no afeto positivo e negativo e na relação entre irmãos; (b) analisar as táticas de resolução de conflitos segundo o sexo e o número de irmãos dos participantes; (c) explorar a associação entre os afetos positivos e negativos, a relação entre os irmãos e as táticas de resolução de conflitos; e ainda (e) aferir o papel do sexo, da relação entre irmãos e das táticas de resolução de conflitos na predição do afeto positivo e negativo.

Método

Participantes

A amostra desta investigação foi constituída por 210 participantes, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos ($M= 14.1$; $DP= 1.3$), sendo que 65.2% dos

participantes eram do sexo feminino. Os participantes frequentavam escolas públicas do norte do país, sendo que 69 frequentavam o 7º ano, 31 o 8º ano, 44 o 9º ano, e 66 frequentavam o 10º de escolaridade. Relativamente à família, a grande maioria dos participantes refere que os progenitores são casados (86.1% (pai) – 84.1% (mãe)).

Para este estudo a amostra foi selecionada no sentido de todos os participantes terem um ou mais irmãos, independentemente do tipo (irmãos de sangue, meios irmãos, irmãos por parentesco ou irmãos adotivos). Dos participantes, 155 têm apenas um irmão, 51 têm 2 ou mais irmãos, e 13 dos participantes têm 3 ou mais irmãos (máximo de 5 irmãos).

Instrumentos

O *Questionário sociobiográfico* (QSB) baseado no *Social Environment Questionnaire* (SEQ), de Toman (1993), o QSB foi adaptado para a população portuguesa por Fernandes e Relva (2013). Este questionário permite recolher informações relativamente ao participante (género, idade, ano de escolaridade, nacionalidade) e ao seu seio familiar (número e tipo de irmãos, estado civil dos progenitores, idade e profissão).

A *Escala Portuguesa de Afeto Positivo e Negativo* (PANAS). Inicialmente concebido por Watson, Clarck e Tellegen (1988), a PANAS pretende avaliar o afeto positivo e o afeto negativo. Para isso são apresentados 20 estados emocionais, 10 positivos (interessado, entusiasmado, excitado, inspirado, determinado, orgulhoso, ativo, encantado, caloroso e agradavelmente surpreendido) e outros 10 negativos (perturbado, atormentado, amedrontado, assustado, nervoso, trémulo, remorsos, culpado, irritado e repulsa), e é pedido ao participante que indique em que medida sentiu cada uma das emoções no último ano, utilizando para isso uma escala tipo *Likert* (1= Nada ou muito Ligeiramente; 2= Um pouco; 3= Moderadamente; 4= Bastante; 5= Extremamente). A validação para a população portuguesa foi realizada por Galinha e Ribeiro (2005). A consistência interna da escala geral, foi avaliada sendo o seu valor adequado (α de Cronbach = .82). Para as subescalas, os valores de confiabilidade foram

também eles adequados: afeto positivo .80 e afeto negativo .84. No que respeita às análises fatoriais confirmatórias, a PANAS mostrou valores ajustados, sendo $\chi^2 (167) = 343.77; p = .00$; *Ratio* = 2.10; RMR = .09 e RMSEA = .07, à exceção do CFI = .85, que se encontra abaixo do valor recomendado, podendo explicar-se este facto com o tamanho da amostra (Mulaik, James, Van Alstine, Bennett & Stilwell, 1989).

The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version (CTS2-SP). As CTS2-SP (Straus, Hamby, Finkelhor, Boney-McCoy & Sugarman, 1995) permitem avaliar as táticas de resolução de conflitos entre irmãos, sendo um instrumento de autorrelato com 39 itens, divididos em cinco escalas relativas à forma como os irmãos resolvem os seus conflitos, recorrendo à *negociação*, *agressão psicológica*, *agressão física sem sequelas*, *coerção sexual* (dimensão excluída deste estudo não sendo adequado ao objetivo do estudo) e *agressão física com sequelas* (Fernandes, Relva, Rocha & Alarcão, 2016). No que concerne à consistência interna da escala geral, o valor é adequado (α de Cronbach = .93). Para as subescalas, os valores de confiabilidade foram também eles adequados relativamente à negociação .91; agressão psicológica .92; abuso físico sem sequelas .91. Apesar da dimensão abuso físico com sequelas apresentar uma boa consistência interna (.78), as suas subescalas vitimação (α de Cronbach = .58) e perpetração (α de Cronbach = .57), apresentavam baixos valores de consistência interna optando-se por isso, por não utilizar esta dimensão em análises futuras.

Relativamente às análises fatoriais confirmatórias, este instrumento mostrou valores ajustados, sendo que para a perpretação os valores são $\chi^2 (267) = 601.32; p = .00$; *Ratio* = 2.25; CFI = .84; RMR = .20 e RMSEA = .08, e para a vitimação $\chi^2 (269) = 677.72; p = .00$; *Ratio* = 2.52; CFI = .80; RMR = .20 e RMSEA = .09. O valor do CFI inferior ao recomendado .90, é explicado pelo tamanho da amostra (Mulaik et al., 1989).

O Questionário do irmão ou irmã (BSQ). O BSQ de Graham-Bermann e Cutler, (1994), validado para a população portuguesa por Relva, Fernandes, Alarcão, Graham-Bermann e Lopes (2016), é um instrumento de auto-relato que permite avaliar a relação entre irmãos, com base em quatro dimensões: *Empatia*, ou seja, a medida em que os irmãos se preocupam um com o outro, partilham momentos e vivências; *Manutenção de limites*, que avalia os limites existentes na relação entre os irmãos, quer a distância física quer psicológica; *Semelhanças* permite compreender se os irmãos têm interesses comuns, visões semelhantes sobre os mesmos assuntos, e as mesmas reações perante a mesma situação; *Coerção* avalia o poder e o controlo que um irmão tem sobre o outro. Este instrumento é composto por 35 itens (Relva et al., 2016).

No que respeita à consistência interna da escala geral, o valor é adequado (α de Cronbach = .86). Para as subescalas, os valores de confiabilidade foram também eles adequados: Empatia .89; “Fronteiras” .83; e “Semelhanças” .71. Uma vez que a escala “Coerção” apresentava uma baixa consistência interna (.47), optou-se por não utilizar esta dimensão nas análises futuras. Relativamente às análises fatoriais confirmatórias, este instrumento mostrou valores ajustados, sendo $\chi^2(367) = 958.12$; $p = .00$; $Ratio = 2.61$; CFI = .80; RMR = .18 e RMSEA = .09. Apesar do valor do CFI ser inferior ao recomendado (.90), vários autores sugerem que a o tamanho da amostra poderá condicionar este valor, aceitando-se por isso valores inferiores ao recomendado (Mulaik et al., 1989).

Procedimentos

Definido o tema de estudo, iniciou-se uma intensa pesquisa da literatura existente sobre a temática em livros, artigos científicos e bases de dados *online* como a *b-on* e o Google Académico, essencial para definir o plano de investigação a seguir. Após está fase o projeto foi submetido à Comissões de Ética da UTAD, tendo-se obtido a aprovação dando-se assim

continuidade à investigação. Foram selecionadas as escolas da zona norte do país, para a recolha da amostra, tendo-se obtido o consentimento de 3 escolas para a realização da investigação. Após o consentimento por parte da direção das escolas, e a seleção das turmas que iriam integrar o estudo, foram entregues os consentimentos informados aos encarregados de educação dos alunos participantes para que consentissem na participação dos seus educandos no estudo.

A administração do instrumento decorreu em contexto de sala de aula, com duração média de 35 minutos. Antes do início do preenchimento do instrumento foi dada uma breve explicação sobre os objetivos do estudo, e foram dadas todas as instruções relevantes para o seu preenchimento, bem como foi explicada que a participação na investigação era voluntária e respeita as regras de confidencialidade e anonimato, sendo esclarecido que os participantes podem desistir a qualquer momento.

Análises estatísticas

O tratamento dos dados iniciou-se com a codificação dos dados obtidos e foi criada uma base de dados recorrendo ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences – IBM SPSS*, versão 23.0, e para o estudo das propriedades psicométricas dos instrumentos recorreu-se ao *IBM SPSS Amos*, versão 24.0.

Primeiramente foram analisados superficialmente todos os questionários com o intuito de excluir os questionários que estavam preenchidos incorretamente ou que omitiam informações de interesse relevante para a investigação, a fim de se obter uma amostra o mais fidedigna possível. Após esta etapa foi feita uma limpeza da amostra, através da identificação de *missings* e *outliers*. Para o cálculo dos *outliers* recorreu-se à determinação de *Zscores* e ao cálculo da distância de *Mahalanobis*. Durante estes procedimentos foram excluídos alguns sujeitos da amostra, por poderem comprometer futuros cálculos.

Após limpeza da base de dados, de modo a evitar erros futuros, foram criados grupos para as variáveis sociodemográficas de modo a facilitar a análise dos dados e a concretização dos testes paramétricos, nomeadamente *testes-t* e análises de variâncias (ANOVAS). Foram então criados grupos respeitantes à idade (Grupo 1: dos 11 aos 13 anos; Grupo 2: dos 14 aos 16 anos), e ainda um outro grupo respeitante ao número de irmãos de cada participante (Grupo 1: 1 irmão; Grupo 2: com mais de 1 irmão). Foram então efetuadas análises das amostras ao nível da afetividade relacionando com a idade dos participantes, táticas de resolução dos conflitos, com base no sexo dos participantes e ainda tendo em conta o número irmãos de cada fratria, e também com base nas informações sociodemográficas foram analisadas as relações entre irmãos tendo em conta a idade.

Para análise da correlação entre as variáveis em estudo, recorreu-se à correlação de *Pearson*, que avalia em que medida duas variáveis se correlacionam entre si. Para a interpretação desses mesmos resultados recorreu-se a Cohen (1988), que considera correlações pequenas as correlações variam entre $r=.10$ e $r=.29$ ou $r=-.10$ e $r=-.29$; correlações médias variando os valores entre $r=.30$ a $r=.49$ ou $r=-.30$ a $r=-.49$; e consideram-se correlações de grande magnitude quando os valores se estendem entre $r=.50$ e $r=1$ ou $r=-.50$ e $r=-1$.

A última análise realizada refere-se à análise da regressão múltipla hierárquica, que pretendia analisar o papel do sexo na predição das dimensões em estudo: o afeto positivo e negativo, a resolução de conflitos e a relação entre irmãos.

Resultados

Análise do afeto positivo e negativo, táticas de resolução de conflitos e relação entre irmãos em função de variáveis sociodemográficas

Para a análise das variáveis em estudo, começou-se por associa-las aos fatores sociodemográficos recolhidos, de modo a permitir uma primeira análise dos dados, recorrendo-se aos *teste-t* e ANOVA. Importa salientar que foram assegurados os pressupostos da homogeneidade, recorrendo-se ao teste de *Levene*, em que os valores de *sig.* espera-se que sejam superiores a .05, confirmando-se assim a homogeneidade das variâncias. Relativamente às táticas de resolução de conflitos entre irmãos, os resultados demonstraram diferenças estatisticamente significativas na **vitimação** em função do sexo dos adolescentes relativamente à seguinte variável: **negociação** [$t(210) = -2,726$; $p = .007$], com IC de 95% [-1.09, -.18], sendo que o sexo feminino, apresentar um maior nível de negociação ($M=3.67$, $DP=1.64$) comparativamente ao sexo masculino ($M=3.03$, $DP=1.52$), como é possível observar na tabela 1.

Tabela 1

Análise diferencial dos conflitos entre irmãos, em função do sexo dos adolescentes

CTS2-SP	Sexo	M ± DP	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Negociação				
Vitimação	1-Masculino	3.03±1.5	[-1.09, -.18]	2>1
	2- Feminino	3.67±1.6		
Perpetração	1-Masculino	3.05±1.4	[-.88, .04]	n.s.
	2- Feminino	3.47±1.6		
Agressão Psicológica				
Vitimação	1-Masculino	1.29±1.2	[-.58, .17]	n.s.
	2- Feminino	1.49±1.3		
Perpetração	1-Masculino	1.23±1.2	[-.59, .15]	n.s.
	2- Feminino	1.46±1.3		
Agressão Física sem sequelas				
Vitimação	1-Masculino	.54±.71	[-.15, .23]	n.s.
	2- Feminino	.50±.62		
Perpetração	1-Masculino	.59±.75	[-.16, .24]	n.s.
	2- Feminino	.52±.63		

Nota: CTS2-SP – The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version, *M*= Média; *DP*= Desvio Padrão; *IC95%*= intervalo de confiança 95%

Relativamente às táticas de resolução de conflitos entre irmãos tendo em conta o número de irmãos, os resultados demonstraram diferenças estatisticamente significativas ao nível da **vitimação**, nomeadamente no que respeita à **negociação**: [$t(210)= 2,865$; $p =.005$], com IC de 95% [.21, 1.13], os adolescentes do grupo 1, com apenas 1 irmão, apresentam um maior nível de negociação ($M=3.67$, $DP=1.5$) do que os adolescentes do grupo 2, mais do que 2 irmãos ($M=3.00$, $DP=1.7$). Ainda dentro da Vitimação, são observadas diferenças significativas ao nível da **agressão psicológica** [$t(210)= 2,397$; $p =.017$], com IC de 95% [.08, .83], voltando a verificar-se que os participantes com apenas um irmão apresentam um maior nível de vitimação ($M=1.58$, $DP=1.4$) do que os participantes com mais do que 2 irmãos ($M=1.12$, $DP=1.2$).

Relativamente à **perpetração**, no que concerne à variável **negociação**: [$t(210)= 2,907$; $p =.004$], com IC de 95% [.22, 1.13], observou-se que os participantes com apenas 1 irmão apresentam um maior nível de perpetração ($M=3.55$, $DP=1.6$) do que os adolescentes do grupo 2 ($M=2.88$, $DP=1.6$). Sobre a perpetração da **agressão psicológica** [$t(210)= 2,741$; $p =.007$], com IC de 95% [.14, .88], também apresenta diferenças estatisticamente significativas entre ambos os grupos, sendo que o grupo 1, apresenta maiores níveis de perpetração ($M=1.55$, $DP=1.3$), do que o grupo 2 ($M=1.04$, $DP=1.1$), como observado na tabela 2.

Tabela 2

Análise diferencial das táticas de resolução de conflitos entre irmãos, em função do número de irmãos

CTS2-SP	Número de irmãos	M ± DP	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Negociação				
Vitimação	1: 1 irmão	3.67±1.5	[.21, 1.13]	1>2
	2: Entre 2 e 5 irmãos	3.00±1.7		
Perpetração	1: 1 irmão	3.55±1.6	[.22, 1.13]	1>2
	2: Entre 2 e 5 irmãos	2.88±1.6		
Agressão Psicológica				

Vitimação	1: 1 irmão	1.58±1.4	[.08, .83]	1>2
	2: Entre 2 e 5 irmãos	1.12±1.2		
Perpetração	1: 1 irmão	1.55±1.3	[.14, .88]	1>2
	2: Entre 2 e 5 irmãos	1.04±1.1		
Agressão Física sem sequelas				
Vitimação	1: 1 irmão	.55±.69	[-.09, .28]	n.s
	2: Entre 2 e 5 irmãos	.45±.58		
Perpetração	1: 1 irmão	.59±.72	[-.05, .34]	n.s
	2: Entre 2 e 5 irmãos	.45±.58		

Nota: CTS2-SP – The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version, *M*= Média; *DP*= Desvio Padrão; *IC95%*= intervalo de confiança 95%

Para a análise diferencial da relação entre os irmãos, em relação à **idade** foram estabelecidos dois grupos: grupo 1 (11-13); e grupo 2 (14-16). Os resultados da análise diferencial revelaram diferenças estatisticamente significativas na **empatia** [$t(210)= 2,971$; $p=.003$], com 95% de IC [.11,.55] em função da idade dos adolescentes. Deste modo, os adolescentes com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos experimentam maiores níveis de empatia, face aos irmãos ($M=3.97$, $DP=.70$) do que os adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos ($M=3.64$, $DP=.80$), como observado na tabela 3.

Tabela 3

Análise diferencial da relação entre irmãos em função da idade dos adolescentes

BSQ	Grupo Idades	<i>M</i> ± <i>DP</i>	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Empatia	1-11 a 13	3.97±.70	[.11, .55]	1>2
	2-14 a 16	3.64±.80		
Fronteiras	1-11 a 13	3.62±1.05	[-.30, .26]	n.s.
	2-14 a 16	3.64±.92		
Semelhanças	1-11 a 13	2.83±.81	[-.17, .26]	n.s.
	2-14 a 16	2.79±.70		

Nota: BSQ – Questionário do irmão ou irmã, *M*= Média; *DP*= Desvio Padrão; *IC95%*= Intervalo de confiança 95%

Associação entre o afeto positivo e negativo, táticas de resolução de conflitos e relação entre irmãos

Relativamente às correlações entre as variáveis em estudo (PANAS, CTS2-SP e BSQ) os resultados simplificados podem ser observados na tabela 4, observando-se associações

existentes entre as diversas variáveis, nomeadamente no que diz respeito à afetividade, a variável **afeto positivo** apresenta diversas correlações significativas, embora de baixa magnitude com diversas variáveis como a **negociação**, tanto na vitimação ($r = .259, p < .01$), como perpetração ($r = .240, p < .01$), e **agressão psicológica** ($r = .229, p < .01$). É relevante referir ainda as correlações observadas entre as variáveis das táticas de resolução de conflitos, de grande magnitude entre as variáveis dos vários tipos de agressão, nomeadamente **agressão psicológica**: vitimação e perpetração ($r = .934, p < .01$), **agressão física**: vitimação e perpetração ($r = .905, p < .01$). Observam-se ainda correlações negativas entre as variáveis do BSQ – Relação entre irmãos e as táticas de resolução de conflitos que implicam recurso à agressão seja ela física ou psicológica variando entre baixa e média magnitude, tendo em mente os valores sugeridos por Cohen (1988).

Tabela 4

Associação entre o afeto positivo e negativo, táticas de resolução de conflitos e relação entre irmãos, médias e desvio padrão

Variáveis	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.
Afetividade										
1. AP	1									
2. AN	.170*	1								
Resolução de conflitos										
3. NV	.259*	.007	1							
4. NP	.240*	.006	.936**	1						
5. AP V	.229*	.146*	.232**	.234*	1					
6. APP	.229*	.145*	.276**	.240*	.934*	1				
7. AF V	.164*	.028	.089	.107	.704*	.704*	1			
8. AFP	.189*	.068	.129	.107	.666*	.731*	.905*	1		

Relação entre irmãos										
9. E	.176*	-	.318**	.368*	-	-	-	-	-	1
		.085			.235*	.194*	.222*	.213*		
10. F	-.081	-	-.094	-.026	-	-	-	-	.101	1
		.007			.403*	.447*	.411*	.399*		
11. S	.185*	-	.331**	.348*	.093	.117	.079	.090	.528*	-
		.042								.251*
M	3.18	1.80	3.45	1.42	1.38	.52	.54	3.75	3.64	2.80
DP	.66	.61	1.63	1.32	1.30	.66	.66	.78	.97	.74

Nota: AP= Afeto Positivo; AN= Afeto Negativo; NV= Negociação- Vitimação; NP= Negociação – Perpetração; APV= Agressão psicológica – Vitimação; APP= Agressão Psicológica – Perpetração; AFV= Agressão Física -Vitimação; AFP= Agressão Física-Perpetração; E=Empatia; F= Fronteiras; S=Semelhanças; M= média; DP= desvio-padrão; * $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

Análises preditivas: O papel preditor do sexo, das dimensões das táticas de resolução de conflitos e da relação fraternal no afeto positivo e negativo

Com o intuito de analisar a influência do sexo, das táticas de resolução de conflitos e a relação entre irmãos têm na predição do afeto positivo e negativo, recorreu-se à regressão múltipla hierárquica. Neste sentido foram criados três blocos: O bloco 1 diz respeito à variável *dummy*: sexo (0= Masculino; 1= Feminino), o bloco 2 engloba as dimensões das táticas de resolução de conflitos e o bloco 3 inclui as variáveis da relação entre irmãos, como é possível observar na tabela 5. Relativamente ao afeto positivo, o bloco 2 apresenta um contributo significativo [$F(7,202) = 3.343, p = .002$], o modelo como um todo explica 10.6% ($0,106 \times 100$). Importa ainda analisar o valor da variância geral que é explicada apenas pelas variáveis do bloco 2, sendo excluídas as variáveis do Bloco 1. Assim sendo, as variáveis das táticas de resolução de conflitos explicam 10.6% ($R^2 \text{ Change} = .106$) da variância no afeto positivo. O bloco 3, ainda sobre o afeto positivo apresenta também um contributo relevante [$F(9,200) = 3.595, p = .000$], explicando 13,9% da variância global do afeto positivo, e 3.5% ($R^2 \text{ Change} = .035$) da variância individual do afeto positivo. A análise do papel de cada uma das dimensões do bloco de todos os blocos revelou que uma das variáveis do bloco 3 evidencia

uma contribuição significativa ($p \leq .05$), predizendo positivamente o afeto positivo: a empatia ($\beta = .219$).

Tabela 5

Papel preditor do sexo, das táticas de resolução de conflitos e da relação fraterna no afeto positivo e negativo

	R ²	R ² Change	B	S.E.	B	t	P
AFETO POSITIVO							
Bloco 1 Sexo (dummy)	.000	.000					
Bloco 2- Táticas de Resolução de Conflitos	.106	.106					
Negociação – Vitimação							
Negociação – Perpetração							
Agressão Psicológica – Vitimação							
Agressão Psicológica – Perpetração							
Agressão Física sem sequelas- Vitimação							
Agressão Física sem sequelas- Perpetração							
Bloco 3 - Relação fraterna	.139	.035					
Empatia			.186	.065	.219	2.858	.005
Fronteiras							
Semelhanças							
AFETO NEGATIVO							
Bloco 1 Sexo (dummy)	.000	.000					
Bloco 2 -Táticas de Resolução de Conflitos	.043	.043					
Negociação – Vitimação							
Negociação – Perpetração							
Agressão Psicológica – Vitimação							

Agressão Psicológica – Perpetração

Agressão Física sem sequelas- Vitimação

Agressão Física sem sequelas- Perpetração

Bloco 3 - Relação fraterna .047 .004

Empatia

Fronteiras

Semelhanças

Nota: B= Coeficientes, SE= Erros estandardizados, e β =Beta para um nível de significância de $p<.05$

Discussão

O trabalho apresentado pretendeu analisar as táticas de resolução de conflitos utilizadas pelos adolescentes com base nas variáveis sexo e número de irmãos, compreender a relação entre os irmãos tendo por base a idade, correlacionar as variáveis do afeto positivo e negativo, a relação entre os irmãos e as táticas de resolução de conflitos entendendo as correlações existentes entre as variáveis, e por fim compreender o papel do sexo, das táticas de resolução de conflitos e da relação entre irmãos, nos afetos positivos e negativos.

Relativamente às táticas de resolução de conflitos, é possível observar que da amostra recolhida para este estudo, o sexo feminino que apresentou maior nível de negociação, quando comparado com os participantes do sexo masculino. Este resultado vem ao encontro com um estudo que refere que a negociação é em geral, a estratégia mais identificada na resolução de conflitos, no entanto são as raparigas que identificam um maior recurso a esta estratégia (Lopes et al. 2017). Este resultado vem ainda ao encontro da grande maioria dos estudos desta temática, que referem que o sexo masculino é o mais violento na fratria, utilizando com mais frequência as táticas de agressão física (Carvalho et al., 2018; Relva et al., 2014, Relva, Fernandes & Mota, 2012), sendo que as raparigas optam mais

frequentemente pela via da negociação, sendo culturalmente o mais esperado de cada um dos géneros (Wallace, 2007).

Sobre as táticas de resolução de conflitos tendo por base o número de irmãos, os participantes com apenas um irmão apresentam maior nível de negociação em geral e ainda maior nível de agressão psicológica (vitimação e perpetração), do que os participantes com 2 ou mais irmãos. Apesar de não terem sido encontrados estudos que analisassem o efeito do número de irmãos nas estratégias de resolução de conflitos, estes dados corroboram estudos mais gerais que afirmam que a estratégia mais utilizada é a negociação, seguindo-se a agressão psicológica e também a física (Lopes, et al., 2017; Relva et al. 2014).

Ao nível da relação entre os irmãos foi possível observar que os adolescentes entre os 11 e os 13 anos apresentam maior nível de empatia na relação fraterna do que os participantes com idade superior a 14 anos. Um estudo de Graaff (2014) refere no entanto que a capacidade de demonstrar e reconhecer a empatia apenas é conseguida após a entrada na adolescência, sendo os nossos resultados de certa forma incongruentes com esta investigação. Também Oliveira (2017) concluiu na sua investigação que era os adolescentes após os 13 anos que apresentavam um maior nível de empatia, tal como havia sido sugerido por outros autores (Gend, Xia & Qin, 2012). Sendo os nossos resultados incongruentes com os apresentados na literatura, é importante referir que as médias dos dois grupos (11 aos 13 anos e 14 aos 16 anos) estão estatisticamente muito próximas, podendo-se assim explicar esta incongruência.

No que diz respeito à associação das variáveis em estudo, foi possível observar correlações significativas positivas no afeto positivo e negociação, indo ao encontro da literatura já existente, uma vez que a negociação, é a forma mais positiva de resolução de um conflito pois implica que as partes conversem e debatam sobre o assunto (Morley & Stephenson, 2015), permitindo chegar a uma decisão sem recurso à violência, e que satisfaça as necessidades das partes (Monteiro, 2010). Também são notórias correlações negativas nas

variáveis da relação entre irmãos (BSQ), quando correlacionadas com as variáveis de agressão quer física, quer psicológica de baixa e média magnitude. Como já vários autores tinham evidenciado, a agressividade em adolescentes relaciona-se negativamente com a empatia (Matias, 2012), isto é, a empatia associa-se positivamente com a resolução cooperativa dos conflitos, acontecendo o oposto quando os conflitos se resolvem com base na agressividade (Ferronha, Almeida, Oliveira, Sousa & Sousa, 2014).

Relativamente à capacidade preditiva do sexo, da relação entre irmãos e das táticas de resolução de conflito, no afeto positivo e negativo, concluiu-se que a relação entre irmãos consegue prever o afeto positivo, isto porque apesar de a relação ser pautada por competição, ciúmes e rivalidade (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011), também oferece aos seus elementos a possibilidade de aprender e construir relações duradoras que proporcionam apoio (Muniz & Carneiro, 2012) e afetos tornando-se num laço muito rico (Núñez, Rodríguez & Lanciano, 2007), logo é esperado que uma melhor relação fraterna, consiga prever o afeto positivo. Nomeadamente, a empatia é capaz de prever o afeto positivo, assim como prediz o aumento dos comportamentos positivos (Ferronha, Almeida, Oliveira, Sousa & Sousa, 2014). Sendo a empatia a capacidade de fazermos nossos os sentimentos do outro, é de alguma forma espectável que melhore a convivência entre as pessoas, aumentem os comportamentos de ajuda e haja um incremento de relações positivas (Oliveira, 2017).

Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros

O trabalho apresentado debruçou-se sobre as questões da resolução de conflitos entre irmãos, associando-os aos afetos positivos e negativos, na tentativa de perceber uma realidade ainda muito desvalorizada pela sociedade em geral: a violência na fratria.

Uma vez que a violência na fratria ainda é um assunto amplamente ignorado e desvalorizado, parece crucial chamar a atenção para estas questões, que chegam a ser mais

frequentes do que a violência entre homem e mulher, e podem assumir consequências nefastas tanto no momento como no futuro, sendo por isso fundamental compreender a relevância dos irmãos tanto nas vivências saudáveis, como nas relações violentas. É pertinente que se comece a olhar para as questões da fratria e da violência que ocorre no seu seio na prática clínica, como forma de travar e prevenir a continuidade deste tipo de violência, que acaba por afetar toda a família.

No que concerne às limitações deste estudo, parece pertinente referir a sua aplicação em contexto de sala de aula, muitas vezes no fim de um dia de aulas, o que levou a uma maior distração e desinteresse por parte dos participantes. O facto de no geral o protocolo aplicado ser muito grande, também levou a que os alunos ficassem cansados, levando a uma maior leviandade no preenchimento dos mesmos. Por fim, referir que a amostra não poderá ser generalizada para todo o país devido ao seu tamanho reduzido, e por se tratar de dados recolhidos numa zona muito concreta, interior norte do país, não sendo adequado fazer-se generalizações.

Num estudo futuro seria importante analisar mais as questões da violência na fratria e o papel dos pais para a boa resolução dos mesmos, visto continuar a ser ainda um tema que merece pouco interesse e estudo pela comunidade científica e população em geral.

Referências Bibliográficas

- Abramovitch, R., Corter, C., Pepler, D. J., & Stanhope, L. (1986). Sibling and peer interaction: A final follow-up and a comparison. *Child Development*, 57, 217-229. doi: 10.2307/1130653
- Bank, S. P., & Kahn, M. D. (1997). *The sibling bond* (15th anniversary Ed.). New York: Basic Books. (Obra original publicada em 1982).

- Bassuk, E. L., Mickelson, K. D., Bissel, H. D. & Perloff, J. N. (2002). Role of kin and nonkin support in the mental health of low-income women. *American Journal of Orthopsychiatry*, 72(1), 39-49.
- Benoit, J.C., Malarewicz, J. A., Beaujean, J., Colas, Y., & Kannas, S. (1988). *Dictionnaire clinique des thérapies familiales iques*. Paris: ESF.
- Button, D. M., & Gealt, R. (2010). High risk behaviors among victims of sibling violence. *Journal of Family Violence*, 25, 131-140. doi: 10.1007/s10896-009-9276-x
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (1998). *Sibling abuse trauma: Assessment and intervention strategies for children, families, and adults*. New York: Haworth Press.
- Caffaro, J. V., & Conn-Caffaro, A. (2005). Treating sibling abuse families. *Aggression & Violent Behavior*, 10, 604-623. doi:10.1016/j.avb.2004.12.001
- Campione-Barr, N., & Smetana, J. (2010). “Who said you could wear my sweater?” Adolescent siblings’ conflicts and associations with relationship quality. *Child Development*, 81, 464-471. doi: 0009-3920/2010/8102-0004
- Canavan, M. M., Meyer, W. J., & Higgs, D. C. (1992). The female experience of sibling incest. *Journal of Marital and Family Therapy*, 18(2), 129-142.
- Carvalho, J., Relva, I. C., & Fernandes, O. M. (2018). Funcionamento familiar e estratégias de resolução de conflitos na fratria. *Análise Psicológica*, 1(36), 61-73. doi: 10.14417/ap.1354
- Caspi, J. (2012). *Sibling aggression: Assessment and treatment*. New York, NY: Springer.
- Cohen, Jacob (1988), *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*. (2.^a Ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum
- Criss, M. M., & Shaw, D. S. (2005). Sibling relationships as contexts for sibling training in low-income families. *Journal of Family Psychology*, 19(4), 592-600. doi:10.1037/0893-3200.19.4.592.

- Duncan, R. (1999). Peer and sibling aggression: An investigation of intra and extra-familial Bullying. *Journal of Interpersonal Violence, 14*(8), 871 -886.
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1982). *Siblings: Love, envy and understanding*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Dunn, J., O'Connor, T. G., & Cheng, H. (2005). Children's responses to conflict between their different parents: mothers, stepfathers, nonresident fathers, and nonresident stepmothers. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 34*(2), 223-234.
- Ensor, R., Marks, A., Jacobs, L., & Hughes, C. (2010). Trajectories of antisocial behaviour towards siblings predict antisocial behaviour towards peers. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 51*, 1208-1216. doi: 10.1111/j.1469- 7610.2010.02276.x.
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2006). All in the family? Family environment factors in sibling violence. *Journal of Family Violence, 21*, 497-507. doi: 10.1007/s10896-006-9048-9.
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2009). A push or a punch: Distinguishing the severity of sibling violence. *Journal of Interpersonal Violence, 24*, 183-208. doi: 10.1177/0886260508316298.
- Faber, A., & Mazlish, E., (1995). *Jalousies et rivalités entre frères et sœurs*. Paris: Éditions Stock.
- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2013). *Questionário sociobiográfico – QSB*. Manuscrito não publicado. Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Trás - os-Montes e Alto Douro, Portugal.
- Fernandes, O. M., Relva, I. C., Rocha, M., & Alarcão, M. (2016). Estudo da validade de construto das Revised Conflict Tactics Scales – Versão Irmãos. *Motricidade, 12*(1), 69-82.

- Ferronha, J., Almeida, A., Oliveira, L., Sousa, J., & Sousa, V. (2014). Estudo da vinculação e da empatia em adolescents institucionalizados com acompanhamento no PIAC. *INFAD Revista de Psicologia, 1*(1), 327-338.
- Finkelhor, D., Turner, H., & Ormrod, R. (2006). Kid's stuff: The nature and impact of peer and sibling violence on younger and older children. *Child Abuse & Neglect, 30*, 1401-1421. doi: 10.1016/j.chiabu.2006.06.006
- Galinha, I., & Ribeiro, J. (2005). Contributions for the study of the Portuguese version of Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Psychometric study. *Análise Psicológica, 23*, 219-227.
- Geng, Y., Xia, D. & Qin, B. (2012). The Basic Empathy Scale: A Chinese Validation of a Measure of Empathy in Adolescents. *Child Psychiatry & Human Development, 43*(4), pp.499-510
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: Constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP, 22*(4), 771-787.
- Graaff, J. (2014). *Empathy in adolescence*. Ridderprint: Ridderkerk
- Graham-Bermann, S. A., & Cutler, S. E. (1994). The Brother-Sister Questionnaire (BSQ): Psychometric assessment and discrimination of well-functioning from dysfunctional relationships. *Journal of Family Psychology, 8*(2), 224-238.
- Graham-Bermann, S. A., Cutler, S. E., Litzenberger, B. W., & Schwartz, W. E. (1994). Perceived conflict and violence in childhood sibling relationships and later emotional adjustment. *Journal of Family Psychology, 8*, 85-97. doi: 10.1037/0893-3200.8.1.85
- Hetherington, E. M. (1994). Siblings, family relationships, and child development: Introduction. *Journal of Family Psychology, 8*(3), 251-253. doi:10.1037/0893-3200.8.3.251.

- Hoffman, K. L., & Edwards, J. N. (2004). An integrated theoretical model of sibling violence and abuse. *Journal of Family Violence, 19*, 185-200. doi:10.1023/B:JOFV.0000028078.71745.a2
- Hoffman, K. L., Kiecolt, K. J., & Edwards, J. N. (2005). Physical violence between siblings: A theoretical and empirical analysis. *Journal of Family Issues, 26*, 1103-1130. doi:10.1177/0192513x05277809
- Johnston, C., & Freeman, W. (1989). Parent training interventions for sibling conflict. In M. James (Ed.), *Handbook of parent training: Parents as co-therapists for children's behavior problems* (2nd ed.) (153–176). New York: Wiley.
- Kettrey, H., & Emery, B. C. (2006). The discourse of sibling violence. *Journal of Family Violence, 21*, 407-416. doi:10.1007/s10896-006-9036-0
- Khan, R., & Cooke, D. J. (2013). Measurement of sibling violence: A two-factor model of severity. *Criminal Justice and Behavior, 40*, 26-39. doi: 10.1177/0093854812463349.
- Khan, R., & Rogers, P. (2015). The normalization of sibling violence: Does gender and personal experience of violence influence perceptions of physical assault against siblings? *Journal of Interpersonal Violence 30*(3), 437-458.
- Kiselica, M. S., & Morrill-Richards, M. (2007). Sibling maltreatment: The forgotten abuse. *Journal of Counseling & Development, 85*, 148-160. doi:10.1002/j.1556-6678.2007.tb00457.x
- Lopes, P. P., Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2017). A violência como tática de resolução de conflitos entre irmãos. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 113*, 149-172. doi:10.4000/rccs.6696
- Losso, R. (2001). *Psicoanálisis de la familia: recorridos teóricos-clínicos*. Buenos Aires: Lúmen.

- Mackey, A. L., Fromuth, M. E., & Kelly, D. B. (2010). The association of sibling relationship and abuse with later psychological adjustment. *Journal of Interpersonal Violence, 25*, 955-968. doi: 10.1177/0886260509340545
- Matias, M. (2012). A avaliação da empatia na adolescência: Estudos de validação da versão portuguesa da “Basic Empathy Scale”. (Dissertação de Mestrado não publicada) Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Milevsky, A. (2005). Compensatory patterns of sibling support in emerging adulthood: Variations in loneliness, self-esteem, depression, and life satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships, 22*(6), 743-755.
- Monteiro, A. (2010). *Eficácia negocial e características pessoais dos negociadores*. Tese de doutoramento não publicada. Departamento de Psicologia Social, Básica e Metodologia da Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Moreno, M. (2004). Desenvolvimento e conduta sociais dos dois aos seis anos. In: Coll, C., Marchesi, A., Palácios, J. (org). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*.(214-230). (2ª Ed). Porto Alegre: Artmed.
- Morley, I., & Stephenson, G. (2015). *The social psychology of bargaining*. New York: Psychology Press.
- Mulaik, S. A., James, L. R., Van Alstine, J., Bennett, N., Lind, S., Stilwell, C. D. (1989). Evaluation of goodness-of-fit indices for structural equation models. *Psychological Bulletin, 105*(3), 430-445. doi: 10.1037/0033-2909.105.3.430.
- Muniz, A. A., & Carneiro, T. F. (2012). Função fraterna: reflexões a partir do filme Príncipe das Marés. *Psicologia em Revista, 18*(1), 41-56.
- Noller, P. (2005). Sibling relationships in adolescence: Learning and growing together. *Personal Relationships, 12*(1), 1-22. doi:10.1111/j.1350-4126.2005.00099.x.

- Núñez, A. B., Rodríguez, L., & Lanciano, S. (2007). El vínculo fraterno cuando uno de los hermanos tiene discapacidad (225-56). In B. A. Núñez. *Familia y discapacidad: de la vida cotidiana a la teoría*. Buenos Aires: Lugar
- Oliveira, M. (2017). *A empatia em Crianças e Jovens Portugueses* (Tese de mestrado não publicada). Lisboa: ISCTE
- Omer, H., Schorr-Sapir, I., & Weinblatt, U. (2008). Non-violent resistance and violence against siblings. *Journal of Family Therapy*, 30, 450-464. doi:10.1111/ j.1467-6427.2008.00441.
- Radford, L., Corral, S., Bradley, C., & Fisher, H. L. (2013). The prevalence and impact of child maltreatment and other types of victimization in the UK: Findings from a population survey of caregivers, children and young people and young adults. *Child Abuse & Neglect*, 37, 801-813. doi: 10.1016/j.chiabu.2013.02.004.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (2012a). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Revista Interamericana de Psicologia*, 46 (3), 205-214.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins, A. (2014). Estudo exploratório sobre a violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27, 398-408. doi: 10.1590/1678-7153.201427221
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., Graham-Bermann, S., & Lopes, P. (2016). Psychometric Properties and Construct Validity of the Brother-Sister Questionnaire in a Sample of Portuguese Adolescents. *Journal of Family Violence*, 32(3), 333-340. doi 10.1007/s10896-016-9851-x
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Mota, C. (2012b). An exploration of sibling violence predictors. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 5(1), 46 -62.
- Relvas, A. P. (2000). *O Ciclo Vital da Família: Perspetiva Sistémica*. (2ª Ed). Edições Afrontamento: Porto.

- Rohde, P. A., Atzwanger, K., Butovskaya, M., Lampert, A., Mysterud, I., Sanchez-Andres, A., & Sulloway, F. J. (2003). Perceived parental favoritism, closeness to kin, and the rebel of the family: The effects of birth order and sex. *Evolution and Human Behavior*, *24*, 261-276. doi: 10.1016/S1090-5138(03)00033-3
- Saroglou, V., & Fiasse, L. (2003). Birth order, personality, and religion: A study among young adults from a three-sibling family. *Personality and Individual Differences*, *35*, 19-29. doi: 10.1016/s0191-8869(02)00137-x
- Skinner, J. A., & Kowalski, R. M. (2013). Profiles of sibling bullying. *Journal of Interpersonal Violence*, *28*, 1726-1736.
- Snyder, J., Bank, L., & Burraston, B. (2005). The consequences of antisocial behavior in older male siblings for younger brothers and sisters. *Journal of Family Psychology*, *19*, 643-653. doi: 10.1037/0893-3200.19.4.643
- Stocker, C. M., Burwell, R. A., & Briggs, M. L. (2002). Sibling conflict in middle childhood predicts children's adjustment in early adolescence. *Journal of Family Psychology*, *16*, 50-57. doi:10.1037/0893-3200.16.1.50
- Straus, M., Hamby, S., Finkelhor, D., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. (1995). Conflict Tactics Scales form: CTS2-SP. In M. Straus (Ed.), *Handbook of Conflict Tactics Scales (CTS): Including revised versions of CTS2 and CTS2-PC* Durham, NH: Family Research Laboratory, University of New Hampshire.
- Tippett, N., & Wolke, D. (2015). Aggression between siblings: Associations with the home environment and peer bullying. *Aggressive Behavior*, *41*(1), 14-24.
- Toman, W. (1993). *Family constellation: Its effects on personality and social behavior*. New York: Springer Publishing.

- Tremblay, R. E., Nagin, D. S., Séguin, J. R., Zoccolillo, M., Zelazo, P. D., Boivin, M., Perusse, D., & Japel, C. (2004). Physical aggression during early childhood: Trajectories and predictors. *Pediatrics*, *114*, 43-50. doi: 10.1542/peds.114.1.e43
- Tucker, C. J., & Updegraff, K. (2009). The relative contributions of parents and siblings to child and adolescent development. *New Directions for Child & Adolescent Development*, *2009* (126), 13-28. doi:10.1002/cd.254.
- Tucker, C. J., Finkelhor, D., Turner, H., & Shattuck, A. (2013). Association of sibling aggression with child and adolescent mental health. *Pediatrics*, *132*, 79-84. doi: 10.1542/peds.2012-3801
- Wallace, H. (2007). Sibling abuse, in Nicky Jackson (org.), *Encyclopedia of Domestic Violence*. (636 -638). New York: Taylor & Francis Group.
- Watson, D., Clarck, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, *54*, 1063-1070.
- Wiehe, V. R. (1997). Sibling abuse: Hidden physical, emotional and sexual trauma (2nd Ed.). Thousand Oaks. CA.: Sage Publications.

Considerações finais

O presente trabalho debruçou-se sobre o afeto positivo e negativo, a socialização parental, a relação entre os irmãos e a forma como resolvem os conflitos entre eles, numa fase delicada como a adolescência. Este estudo permitiu explorar um pouco mais a temática da família, focando no papel parental e fraternal, sublinhando a importância de ambos no desenvolvimento humano.

Das conclusões aferidas neste estudo salienta-se o facto de o afeto positivo e negativo diminuir com o avançar da adolescência, reforçando a ideia de que a adolescência é um período conturbado na vida do indivíduo, que acarreta preocupações e anseios que diminuem a expressão dos afetos mais positivos (Noronha, Freitas, Piovezan & Joly, 2013) e também a empatia em relação aos irmãos segue a mesma tendência de diminuição ao longo da idade. Sobre a relação com os progenitores notou-se uma maior percepção do afeto do ponto de vista das raparigas, tanto por parte da mãe como por parte pai, indo ao encontro da literatura que refere que o sexo feminino, tendencialmente é mais protegido, podendo ser entendido como afeto. Sobre a socialização parental foi ainda possível verificar a correlação entre o diálogo e o afeto, compreendendo-se que a comunicação tem um papel relevante nos afetos prececionados pelos adolescentes, nomeadamente numa fase de tantas controvérsias na sua vida (Parra & Oliva, 2004).

Foi possível também perceber que a idade (11 aos 13 anos) tem um papel preditivo no afeto positivo e negativo, e que a coerção verbal é preditora do afeto negativo, sendo que as discussões entre pais e filhos conseguem predizer sentimentos negativos (Nunes, Luis, Lemos & Ochoa, 2015).

Relativamente às táticas de resolução de conflitos, o sexo feminino apresentou maior nível de negociação, indo ao encontro de estudos que referem que a Negociação é em geral, a estratégia mais utilizada na resolução de conflitos (Lopes, Fernandes & Relva, 2017), e

observaram-se ainda evidências de que os inquiridos com apenas um irmão recorriam mais a esta estratégia, do que as fratrias maiores. Esta estratégia de resolução de conflitos correlaciona-se com o afeto positivo, demonstrando-se uma forma eficaz de resolver os problemas, sem recurso à violência. Sem surpresas ficou evidenciada a capacidade preditiva da empatia, no afeto positivo.

Nesta breve síntese, dos dois estudos empíricos fica patente a importância de valorizar aspetos positivos na relação familiar e também fraterna, valorizando-se os afetos, o diálogo e a resolução dos conflitos de formas construtivas e não destrutivas, de forma a minimizar e até mesmo solucionar os problemas existentes nestes sistemas. Parece-nos pertinente sugerir a implementação junto das escolas, de programas educativos com o objetivo de trabalhar as emoções e os afetos, como forma de dotar as crianças e jovens com estratégias adequadas para lidar com determinadas situações e também é importante intervir junto das famílias, nomeadamente com os pais, através da criação de programas de treino de competências parentais, de forma a trabalhar com toda a família a comunicação e a expressão dos afetos e sentimentos.

Importa referir que o nosso estudo apresenta algumas limitações, como o facto de os participantes acusarem algum cansaço no preenchimento do questionário, devido ao seu tamanho, e tratando-se de uma aplicação em contexto sala de aula, é sempre notório algumas respostas socialmente desejáveis, embora não correspondam à realidade. Também por estes motivos o tamanho da amostra pode considerar-se reduzido, uma vez que teve de se excluir alguns participantes, por preenchimento inadequado dos questionários, e por esse motivo, as generalizações ficaram limitadas.

Em estudos futuros, parece-nos que seria importante analisarem-se as questões da normalização da violência na fratria dada a realidade da violência na fratria ser o parente pobre da violência familiar, assumindo-se como normativa, no entanto as suas repercussões

merecem atenção e estudo. Também parece pertinente entender a visão dos pais sobre a socialização parental, uma vez que apenas estudamos a visão dos filhos.

Referências Bibliográficas Gerais

- Ainsworth, M. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Almeida, A., & Centa, M. (2009). Parents experience with the sexual education of their children: Implications for nursing care. *Acta Paulista de Enfermagem*, 22(1), 6-71.
- Bank, L., Patterson, G., & Reid, J. (1996). Negative sibling interaction patterns as predictors of later adjustment problems in adolescent and young adult males. In G. H. Brody (Ed.), *Sibling relationships: Their causes and consequences* (197-229). Norwood: Ablex
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. London: Basic Books
- Dunn, J., Slomkowski, C., Beardsall, L., & Rende, R. (1994). Adjustment in middle childhood and early adolescence: Links with earlier and contemporary sibling relationships. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35, 491-504. doi: 10.1111/j.1469-7610.1994.tb01736.x
- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão*. Dafundo: Oficina do Livro.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 24(3), 297-304.
- Galinha, I. C., Pereira, C. R., & Esteves, E. (2014). Versão reduzida da escala portuguesa de afeto positivo e negativo – PANAS-VRP: Análise fatorial confirmatória e invariância temporal. *Revista Psicologia*, 28(1), 53-65.
- Lopes, P. P., Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2017). A violência como tática de resolução de conflitos entre irmãos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 113, 149-172. doi: 10.4000/rccs.6696

- MacKinnon-Lewis, C., Starnes, R., Volling, B., & Johnson, S. (1997). Perceptions of parenting as predictors of boys sibling and peer relations. *Developmental Psychology*, 33(6), 1024-1031.
- Minuchin, S. (1982). *Familias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mota, C. P., & Matos, P.M. (2011). Adolescência e conflitos parentais: Uma perspectiva de resiliência (125-150). In P. M. Matos, C. Duarte & M. E. Costa (Orgs.). *Famílias: questões de desenvolvimento e intervenção* Porto: LivPsic.
- Noronha, A., Freitas, P., Piovezan, N. & Joly, M. (2013). Afetos Positivos e Negativos e Autoeficácia em jovens do ensino médio. *Revista Psicologia Trujillo (Perú)*, 15(1), 9-21.
- Nunes, C., Luís, K., Lemos, I., & Ochoa, G. M. (2015). Características psicométricas da versão portuguesa da Escala de Socialização Parental na Adolescência ESPA-29. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(2), 253-260. doi: 10.1590/1678-7153.201528205
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança* (8ª Ed). Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Parra, A., & Oliva, A. (2006). Un análisis longitudinal sobre las dimensiones relevantes del estilo parental durante la adolescencia. *Infancia y Aprendizaje*, 29(4), 453-470.
- Perner, J., Ruffman, T. & Leekam, S. R. (1994). Theory of mind is contagious: You catch it from your sibs. *Child Development*, 65, 1228-1238.
- Pike, A., Coldwell, J., & Dunn, J. (2005). Sibling relationships in early/middle childhood: Links with individual adjustment. *Journal of Family Psychology*, 19, 523-532. doi: 10.1037/08933200.19.4.523

- Reis, D., Almeida, T., Miranda, M., Alves, M. & Madeira, A. (2013). Health vulnerabilities in adolescence: Socioeconomic conditions, social networks, drugs and violence. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 21(2), 586-600.
- Rocha, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. *Análise Psicológica*, 2(29), 185- 200.
- Sapouna, M., & Wolke, D. (2013). Resilience to bullying victimization: The role of individual, family and peer characteristics. *Child Abuse & Neglect*, 37, 997-1006. doi: 10.1016/j.chiabu.2013.05.009
- Sherman, A. M., Lansford, J. E., & Volling, B. L. (2006). Sibling relationships and best friendships in young adulthood: Warmth, conflict, and well-being. *Personal Relationships*, 13, 151-165. doi: 10.1111/j.1475-6811.2006.00110.x
- Sílabo.
- Silva, I., Sousa, F., Santos, M., Cunha, S., & Barbosa, D. (2011). Significados e valores de família para adolescentes escolares. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*. 12(4), 783- 792.
- Silva, M., Polli, R., Sobrosa, G., Arpini, D., & Dias, A. (2012). Da normalização à compreensão: Caminhos construídos para a intervenção familiar. *Mudanças*, 20(1), 13-21.
- Snyder, J., Bank, L., & Burraston, B. (2005). The consequences of antisocial behavior in older male siblings for younger brothers and sisters. *Journal of Family Psychology*, 19, 643-653. doi: 10.1037/0893-3200.19.4.643
- Tippett, N., & Wolke, D. (2015). Aggression between siblings: Associations with the home environment and peer bullying. *Aggressive Behavior*, 41(1), 14-24.

- Vandell, D.L., & Bailey, M. D. (1992). Conflicts between siblings (242-268). In C. U. Shantz & W.W. Hartup (Eds.). *Conflict in child and adolescence development*. New York: Cambridge University Press.
- Watson, D., Clarck, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070.
- Widmer, E. (1999). *Les relations fraternelles des adolescentes*. Paris: PUF.
- Yeh, H., & Lempers, J. (2004). Perceived sibling relationships and adolescent development. *Journal of Youth and Adolescence*, 33, 133-147. doi: 10.1023/B:JOYO.0000013425.86424.0f

ANEXOS

Anexo 1

1.1 Questionário Sociobiográfico

Anexo 2

2.1 Extrato da *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa (PANAS)

2.2 Extrato do *Brother-Sister Questionnaire* – versão portuguesa (BSQ)

2.3 Extrato da *The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP)

2.4 Extrato da Escala de socialização Parental na Adolescência (ESPA-29)

Anexo 3

3.1 Pedido sobre apreciação do projeto de investigação à Comissão de Ética

3.2 Pedido de autorização às escolas secundárias

3.3 Consentimento informado

Anexo 4

4.1 Autorização da Comissão de Ética

Anexo 5

5.1 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa - do primeiro estudo empírico

5.2 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de socialização Parental na Adolescência (Pai) – do primeiro estudo empírico

5.3 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de socialização Parental na Adolescência (Mãe) – do primeiro estudo empírico

5.4 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa – do segundo estudo empírico

5.5 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem do *The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP) – Vitimação - do segundo estudo empírico

5.6 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem do *The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP) – Perpetração - do segundo estudo empírico

5.7 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem do *Brother-Sister Questionnaire* – versão portuguesa – do segundo estudo empírico

ANEXO 1

1.1 Questionário Sociobiográfico

_____	Já faleceu	<input type="checkbox"/>	Quando eu tinha _____ Anos.		
	Solteiro	<input type="checkbox"/>	Com :	a minha mãe	<input type="checkbox"/>
	Casado/Junto/União de facto	<input type="checkbox"/>		a minha madrasta	<input type="checkbox"/>
	Divorciado	<input type="checkbox"/>		Outro	<input type="checkbox"/>
	Viúvo	<input type="checkbox"/>			

ANEXO 2

2.1 Extrato da *Positive and Negative Affect Schedule* – versão portuguesa (PANAS)

ESCALA PORTUGUESA DE AFETO POSITIVO E NEGATIVO

(PANAS; Watson, Clarck, & Tellegen, 1988; Adaptado por Galinha & Pais-Ribeiro, 2005)

Lê cada palavra e marca a resposta adequada no espaço anterior à palavra.

Indica, em que medida sentiste cada uma das destas emoções, durante o último ano, considerando que:

1 = Nada ou muito ligeiramente 2 = Um pouco 3 = Moderadamente

4 = Bastante 5 = Extremamente

- | | |
|--|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Interessado | <input type="checkbox"/> Orgulhoso |
| <input type="checkbox"/> Perturbado | <input type="checkbox"/> Irritado |
| <input type="checkbox"/> Excitado | <input type="checkbox"/> Encantado |
| <input type="checkbox"/> Atormentado | <input type="checkbox"/> Remorsos |
| <input type="checkbox"/> Agradavelmente surpreendido | <input type="checkbox"/> Inspirado |
| <input type="checkbox"/> Culpado | <input type="checkbox"/> Nervoso |
| <input type="checkbox"/> Assustado | <input type="checkbox"/> Determinado |
| <input type="checkbox"/> Caloroso | <input type="checkbox"/> Trémulo |
| <input type="checkbox"/> Repulsa | <input type="checkbox"/> Ativo |
| <input type="checkbox"/> Entusiasmado | <input type="checkbox"/> Amedrontado |

2.2 Extrato do *Brother-Sister Questionnaire* – versão portuguesa (BSQ)

QUESTIONÁRIO DO IRMÃO OU IRMÃ (BSQ - The Brother – Sister Questionnaire)

(Graham-Bermann, 1993; tradução e adaptação de Fernandes e Relva, 2014)

Por favor lê as afirmações abaixo mencionadas em relação a TI e AQUELE IRMÃO/IRMÃ e assinala, com uma cruz ou um círculo, o número que melhor descreve a tua relação com ele/ela (a escala vai de 1 = NUNCA É VERDADE a 5 = É SEMPRE VERDADE):

A RELAÇÃO entre TI e o TEU IRMÃO ou IRMÃ	Nunca			Sempre	
	1	2	3	4	5
1. Nós somos muito parecidos.	1	2	3	4	5
2. Nós discutimos/brigamos muito.	1	2	3	4	5
3. Ele/ela tenta sempre imitar-me.	1	2	3	4	5
4. Eu emprestar-lhe-ia dinheiro.	1	2	3	4	5
5. Eu tenho de fazer as coisas antes do meu irmão/irmã.	1	2	3	4	5
6. Nós gostamos dos mesmos desportos ou jogos.	1	2	3	4	5
7. Eu preocupo-me muito com o que ele/ela faz.	1	2	3	4	5
8. Ele/ela preocupa-se muito com o que eu faço.	1	2	3	4	5
9. Nós temos os mesmos amigos.	1	2	3	4	5
10. Nós discutimos muito sobre de quem é a vez de fazer as coisas.	1	2	3	4	5
11. Nós somos bons nas mesmas disciplinas.	1	2	3	4	5
12. Nós gostamos de fazer as mesmas coisas.	1	2	3	4	5
13. Envolvemo-nos na mesma quantidade de problemas.	1	2	3	4	5
14. Quando ele/ela se sente feliz, eu também me sinto.	1	2	3	4	5
15. Gostamos dos mesmos programas de televisão.	1	2	3	4	5
16. Ele/ela pega nas minhas coisas sem pedir.	1	2	3	4	5
17. Passamos muito tempo juntos.	1	2	3	4	5
18. Fazemos a mesma quantidade de tarefas.	1	2	3	4	5
19. Somos muito próximos um do outro.	1	2	3	4	5
20. No geral, damo-nos muito bem.	1	2	3	4	5
21. Eu gostaria de dizer ao meu irmão/irmã o meu maior segredo.	1	2	3	4	5
22. Ele/ela sente-se mal quando eu me sinto mal.	1	2	3	4	5
23. O meu irmão/irmã é mais vezes culpado do que eu.	1	2	3	4	5
24. Eu sinto-me rejeitado pelo meu irmão/irmã.	1	2	3	4	5
25. Ele/ela tenta afastar-me dos meus amigos.	1	2	3	4	5
26. Ele/ela tenta fazer sempre o que eu estou a fazer.	1	2	3	4	5
27. Ele/ela mete-se sempre nos meus assuntos.	1	2	3	4	5
28. Nós somos bons amigos/companheiros.	1	2	3	4	5
29. Eu preocupo-me muito com o que ele/ela pensa.	1	2	3	4	5
30. Ele/ela preocupa-se muito com o que eu penso.	1	2	3	4	5
31. Se eu ganho alguma coisa, ele/ela também quer.	1	2	3	4	5
32. Ele/ela desarruma sempre as minhas coisas.	1	2	3	4	5
33. Ele/ela mostra-me como fazer coisas más.	1	2	3	4	5
34. Eu sinto-me usado ou ultrapassado por ele/ela.	1	2	3	4	5
35. Ele/ela cuida bastante de mim.	1	2	3	4	5

2.4 Extrato da *The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP)

THE REVISED CONFLICT TACTICS SCALES – SIBLING VERSION

(CTS2 - SP; Straus, Hamby, Finkelhor, Boney-McCoy, & Sugarman, 1995; Traduzido e adaptado por Relva & Fernandes, 2013)

Relações entre Irmãos

Independentemente de dois irmãos se darem bem ou não, há alturas em que discutem, ficam aborrecidos um com o outro, pretendem coisas diferentes um do outro, ou têm quezílias ou brigas apenas porque estão de mau humor, cansados, ou por qualquer outra razão. A seguir encontrarás uma lista de coisas que podem acontecer quando tu e um dos teus irmãos têm diferenças e se zangam um com o outro.

Por favor, responde às questões relacionadas com o teu irmão ou irmã que está MAIS PRÓXIMO DE TI, em IDADE.

Vais falar sobre um irmão ou uma irmã? (Assinala, com um círculo, a tua opção)

1 = Irmão 2 = Irmã

Refere a idade desse irmão ou irmã: ____ anos.

A seguir assinala quantas vezes tu e a/o tua/teu irmã/o fizeram as coisas da lista abaixo, durante o ano passado. Mas se aconteceu algum ano antes ou depois disso, assinala o número 7.

QUANTAS VEZES ACONTECEU NO ANO PASSADO?

1 = Uma vez no ano

5 = 11 a 20 vezes no ano

2 = Duas vezes no ano

6 = Mais de 20 vezes no ano

3 = 3 a 5 vezes no ano

7 = Não no ano passado, mas aconteceu antes ou depois

1. Mostrei que me preocupava com esse irmão/irmã, mesmo que discordássemos	1	2	3	4	5	6	7	8
2. Esse irmão/irmã mostrou que se preocupava comigo, mesmo que discordássemos	1	2	3	4	5	6	7	8
3. Numa discussão, expliquei a esse irmão/irmã o meu ponto de vista	1	2	3	4	5	6	7	8
4. Esse irmão/irmã explicou-me o seu ponto de vista numa discussão	1	2	3	4	5	6	7	8
5. Insultei ou disse palavrões a esse irmão/irmã	1	2	3	4	5	6	7	8
6. Esse irmão/irmã fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	8
7. Atirei a esse irmão/irmã alguma coisa que o poderia magoar	1	2	3	4	5	6	7	8
8. Esse irmão/irmã fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	8
9. Torci o braço ou puxei o cabelo a esse irmão/irmã	1	2	3	4	5	6	7	8
10. Esse irmão/irmã fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	8
11. Tive uma entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com esse irmão/irmã	1	2	3	4	5	6	7	8
12. Esse irmão/irmã teve uma entorse, pisadura, ferida ou pequeno corte por causa de pequeno corte por causa de uma luta comigo	1	2	3	4	5	6	7	8
13. Mostrei respeito pelos sentimentos desse irmão/irmã acerca de um assunto	1	2	3	4	5	6	7	8
14. Esse irmão/irmã mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de um assunto	1	2	3	4	5	6	7	8
15. Empurrei ou apertei esse irmão/irmã	1	2	3	4	5	6	7	8
16. Esse irmão/irmã fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	8
17. Usei uma faca ou uma arma contra esse irmão/irmã	1	2	3	4	5	6	7	8
18. Esse irmão/irmã fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	8
19. Desmaiei porque esse irmão/irmã me atingiu na cabeça durante uma luta	1	2	3	4	5	6	7	8
20. Esse irmão/irmã desmaiou porque eu o/a atingi na cabeça durante uma luta	1	2	3	4	5	6	7	8
21. Chamei de gordo/a ou feio/a a esse irmão/irmã	1	2	3	4	5	6	7	8
22. Esse irmão/irmã chamou-me de gordo/a ou feio/a	1	2	3	4	5	6	7	8
23. Esmurrei ou bati nesse irmão/irmã com algo que o poderia magoar	1	2	3	4	5	6	7	8
24. Esse irmão/irmã fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	8
25. Destruí algo que pertencia a esse irmão/irmã	1	2	3	4	5	6	7	8

4 = 6 a 10 vezes no ano

8 = Isso nunca aconteceu

2.5 Extrato da Escala de socialização Parental na Adolescência (ESPA-29)

ESCALA DE SOCIALIZAÇÃO PARENTAL NA ADOLESCÊNCIA ESPA 29

(adaptado do ESPA29, de Musitu & García, 2004; adaptado por Nunes, Luís, Lemos, & Ochoa, 2015)

Esta escala tem como objetivo avaliar os estilos de socialização parental, fornecendo dados relativamente ao comportamento parental no dia-a-dia.

De seguida encontrarás uma série de situações que podem acontecer na tua família. Estas situações referem-se à forma como os teus pais reagem quando fazes algo. Lê atentamente as situações e responde a cada uma delas com a maior sinceridade possível. Não há respostas correctas, o importante é que respondas com sinceridade.

As pontuações que vais utilizar vão de 1 até 4, assim:

1: NUNCA 2: ALGUMAS VEZES 3: MUITAS VEZES 4: SEMPRE.

Utiliza aquela pontuação que tu acreditas que melhor descreve a situação que vives na tua casa.

EXEMPLO

Mãe		Questão	Pai	
Mostra-me Carinho	Mostra-se Indiferente	Ex. Se levanto a mesa	Mostra-me Carinho	Mostra-se Indiferente
1 2 3 4	1 2 3 4		1 2 3 4	1 2 3 4

Respondeste rodeando o número 3 no item «Mostra-me Carinho», que quer dizer que o teu pai mostra-te carinho **MUITAS VEZES** quando tu levantas a mesa.

Respondeste 2 no item «Mostra-se Indiferente», que quer dizer que o teu pai **ALGUMAS VEZES** mostra-se indiferente quando tu levantas a mesa.

Verás que as situações que podem acontecer na tua família, encontram-se no centro da página. Em primeiro lugar deverás ler cada situação e responder no conjunto da esquerda, destinado às reações do teu PAI. Quando terminares as reações do teu pai em todas as situações, deverás voltar a ler as situações e responder no conjunto da direita, destinado às reações da tua MÃE. É muito importante que sigas esta ordem e que as respostas que escolhes sobre as reações da tua MÃE sejam independentes das que escolheste para o teu PAI.

Se tiveres dúvidas, solicita o esclarecimento ao responsável antes de começares.

A minha MÃE...

1 NUNCA 2 ALGUMAS VEZES 3 MUITAS VEZES 4 SEMPRE

Mostra-me carinho 1 2 3 4		Mostra-se indiferente 1 2 3 4			1. Se obedço ao que me manda
Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	2. Se não estudo ou não quero fazer os trabalhos de casa que me mandam da escola
Mostra-se indiferente 1 2 3 4		Mostra-me carinho 1 2 3 4			3. Se vem alguém visitar-nos a casa e porto- me bem
Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	4. Se parto ou estrago alguma coisa em casa
Mostra-me carinho 1 2 3 4		Mostra-se indiferente 1 2 3 4			5. Se as minhas notas no final do ano forem boas
Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	6. Se ando sujo e mal arranjado
Mostra-se indiferente 1 2 3 4		Mostra-me carinho 1 2 3 4			7. Se tenho um bom comportamento em casa e não interrompo as suas actividades
Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	8. Se fica a saber que parti ou estraguei alguma coisa fora de casa ou de alguém
Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	9. Se tenho alguma negativa nas minhas notas de final de ano
Mostra-me carinho 1 2 3 4		Mostra-se indiferente 1 2 3 4			10. Se ao chegar a noite, volto para casa na hora marcada, sem atrasos
Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	11. Se saio de casa para ir a algum sítio, sem pedir permissão a ninguém
Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	12. Se fico levantado até muito tarde, por exemplo a ver televisão
Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	13. Se algum dos meus professores informa que me porto mal nas aulas
Mostra-se indiferente 1 2 3 4		Mostra-me carinho 1 2 3 4			14. Se cuido das minhas coisas e ando limpo e asseado

O meu PAI...

Mostra-me carinho 1 2 3 4		Mostra-se indiferente 1 2 3 4			
Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	
Mostra-se indiferente 1 2 3 4		Mostra-me carinho 1 2 3 4			
Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	
Mostra-me carinho 1 2 3 4		Mostra-se indiferente 1 2 3 4			
Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	
Mostra-se indiferente 1 2 3 4		Mostra-me carinho 1 2 3 4			
Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	
Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	
Mostra-me carinho 1 2 3 4		Mostra-se indiferente 1 2 3 4			
Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	
Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	Discute comigo 1 2 3 4	
Discute comigo 1 2 3 4	Bate-me 1 2 3 4	Priva-me de algo 1 2 3 4	Fala comigo 1 2 3 4	Não liga 1 2 3 4	
Mostra-se indiferente 1 2 3 4		Mostra-me carinho 1 2 3 4			

ANEXO 3

3.1 Pedido sobre apreciação do projeto de investigação à Comissão de Ética

*Inicialmente a presente investigação denominava-se de “Efeitos da socialização parental e da normalização da violência, na qualidade de relacionamento entre os irmãos e nos estados emocionais em adolescentes”, sendo este o título que consta no anexo 3.1, e respetivos objetivos. No entanto, por motivos de questões metodológicas foi retirado um instrumento (*Um história entre dois irmãos*, respeitante à Normalização da Violência), e em função desta alteração, foi também modificado o título da investigação, passando a denominar-se “Os afetos na adolescência: a sua relação com a socialização parental e com a resolução de conflitos na fratria ” e também se alteraram ligeiramente os objetivos.



Exma. Sra. Presidente da Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro,

Professora Doutora Maria da Conceição Fidalgo Guimarães Costa Azevedo

Assunto: Pedido de reapreciação de protocolo de investigação

No seguimento da elaboração de um projeto de investigação a decorrer no âmbito do 2º ciclo de estudos em Psicologia Clínica, na qualidade de aluna, eu, Ana Maria Ferreira de Sousa, sob orientação das Professoras Doutoradas Otilia Monteiro Fernandes e Inês Relva, da Escola de Ciências Humanas e Sociais – Departamento de Educação e Psicologia, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, venho por este meio solicitar à Comissão de Ética da UTAD, a reapreciação do protocolo de recolha de dados que integra o projeto intitulado: **Efeitos da socialização parental e da normalização da violência, na qualidade de relacionamento entre os irmãos e nos estados emocionais em adolescentes**, cuja síntese, consentimento informado, assim como o protocolo, seguem anexados a este pedido.

Esperando de V. Exa. a melhor compreensão e colaboração, apresento a minha disponibilidade para esclarecer qualquer dúvida existente, através do e-mail: anasousapsi@hotmail.com.

Com os melhores cumprimentos,

Ana Sousa

Vila Real, 17 março de 2017

3.2 Pedido de autorização às escolas

Vila Real, 5, março de 2017

**Exmo. Sr. Diretor do Agrupamento de Escolas
XXXXX**

Exmo. Sr. Diretor

Sou aluna do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e pretendo realizar o meu projeto de investigação, com vista à obtenção do grau de Mestre, sob orientação das Professoras Doutoradas **Otília Monteiro Fernandes** e **Inês Relva**.

Os objetivos da investigação são analisar os efeitos da socialização parental e da normalização da violência na qualidade da relação entre os irmãos, assim como nos estados emocionais dos adolescentes. Nesse sentido, venho colocar à consideração de V. Exa. a possibilidade de serem administrados alguns questionários de recolha de dados no Agrupamento de Escolas XXXXX. Todos os dados recolhidos serão confidenciais e anónimos, não sendo assim necessário proceder à identificação dos participantes. A recolha e o tratamento dos dados ficarão a cargo da investigadora.

Esperando de V. Exa. a melhor compreensão e colaboração, fico a aguardar autorização, colocando-me ao vosso dispor para qualquer esclarecimento adicional.

Com os melhores cumprimentos,
A mestranda:

Ana Sousa

3.3 Consentimento informado

Consentimento Informado

Vila Real, 2017

Exmo(a). Sr(a) Encarregado(a) de Educação

Sou aluna do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e pretendo realizar o meu projeto de investigação, com vista à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Esta investigação centra-se no estudo de variáveis relacionadas com a família, e tem como finalidade estudar o papel das diversas variáveis relacionais na violência entre irmãos, e estudar o efeito que a socialização parental têm sobre algumas dimensões da vida do adolescente.

A instituição em que o seu filho(a) se encontra matriculado(a) foi selecionada para fazer parte da amostra desta investigação, assim sendo venho por este meio solicitar a participação do seu educando nesta investigação, considerando que esta será fundamental. A participação nesta investigação implica apenas o preenchimento de questionários, não interferindo de forma alguma no seu rendimento escolar.

Desde já garanto a máxima confidencialidade dos dados obtidos na investigação.

Com os melhores cumprimentos,

A investigadora:

Ana Sousa

Eu, _____ encarregado(a) de educação do aluno(a)
_____ declaro que fui informado sobre os objetivos do presente
trabalho e autorizo-o a participar no preenchimento dos questionários.

Data ___/___/___

O Encarregado de Educação

ANEXO 4

4.1 Autorização da Comissão de Ética

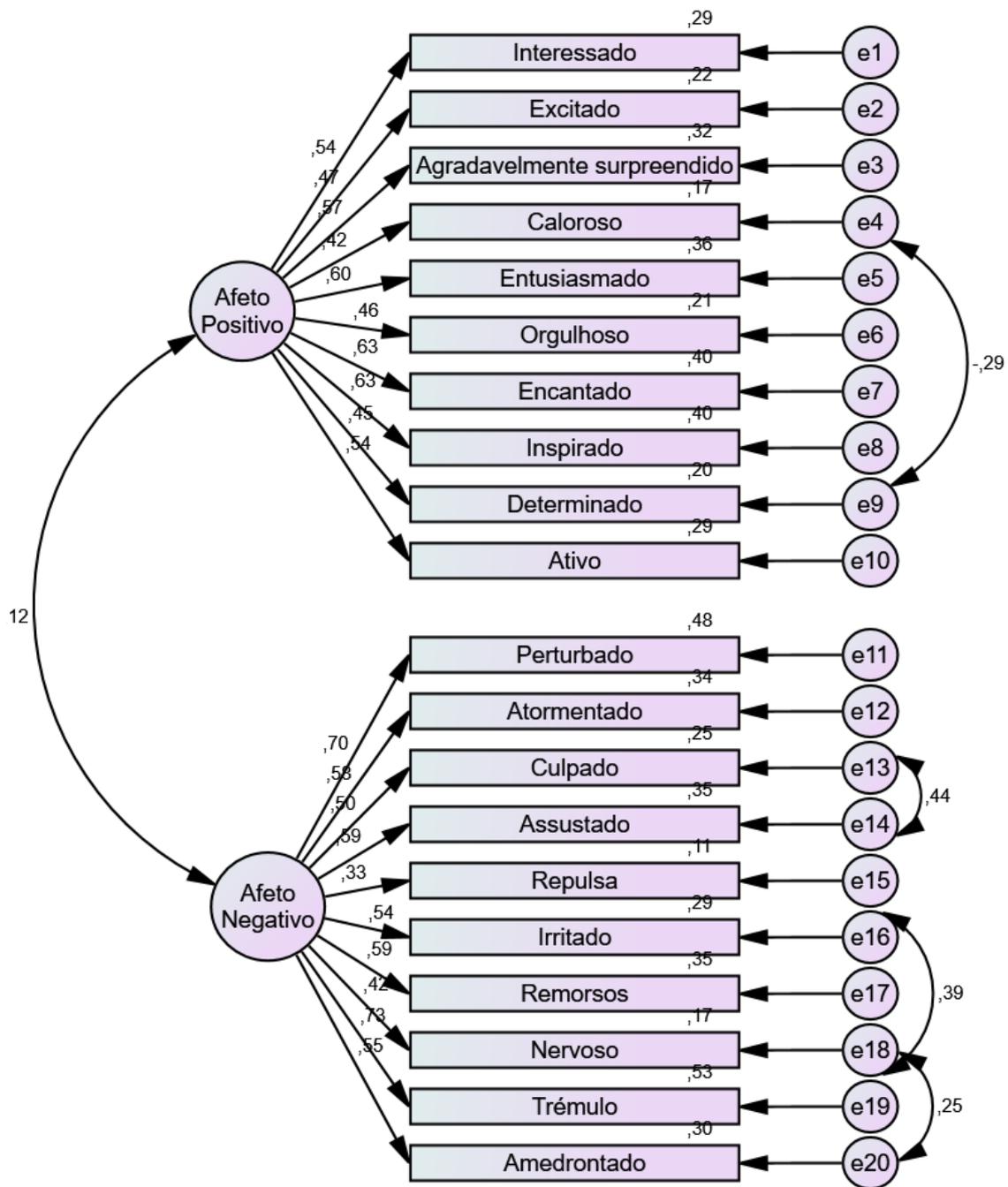
*Inicialmente a presente investigação denominava-se de “Efeitos da socialização parental e da normalização da violência, na qualidade de relacionamento entre os irmãos e nos estados emocionais em adolescentes”, sendo este o título que consta no anexo 4, e respectivos objetivos. No entanto, por motivos de questões metodológicas foi retirado um instrumento (*Um história entre dois irmãos*, respeitante à Normalização da Violência), e em função desta alteração, foi também modificado o título da investigação, passando a denominar-se “Os afetos na adolescência: a sua relação com a socialização parental e com a resolução de conflitos na fratria” e também se alteraram ligeiramente os objetivos.

Parecer da Comissão de Ética N:	13/2017
Data:	14.03.2017
Assunto:	Doc 21/CE/2016 Recolha de dados projeto de investigação "Efeitos da Socialização parental e da normalização da violência, na qualidade de relacionamento entre irmãos e nos estados emocionais em adolescentes"
Requerente:	Ana Sousa/Coord: Otília Monteiro; Inês Relva

Considerando que estão garantidos os direitos dos participantes quanto ao anonimato e confidencialidade dos dados, bem como, o consentimento informado o interesse social e desenvolvimento científico da psicologia, a CE é de parecer favorável ao desenvolvimento do projeto.

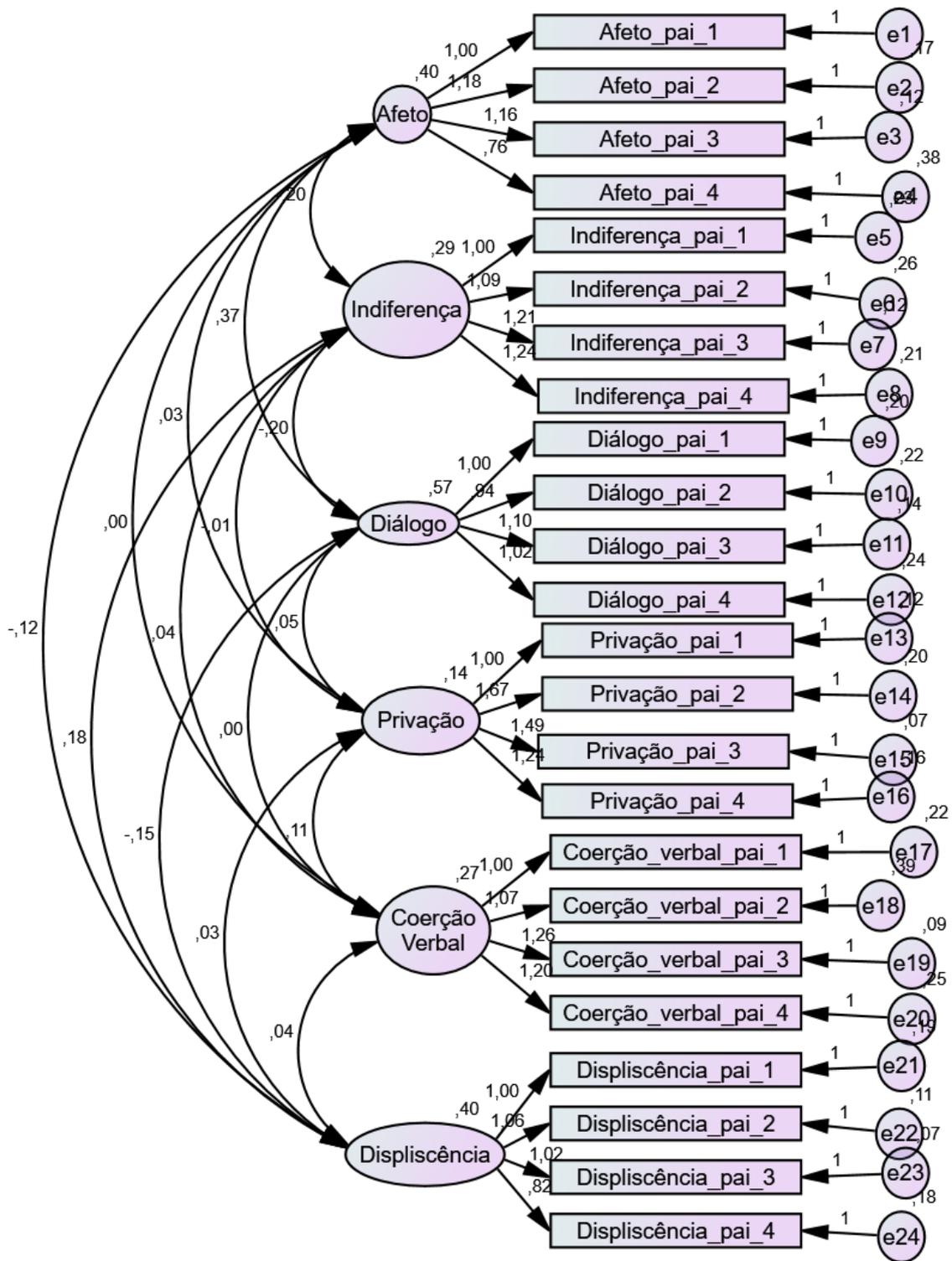
ANEXO 5

5.1 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da *Positive and Negative Affect Schedule* –
versão portuguesa - do primeiro estudo empírico



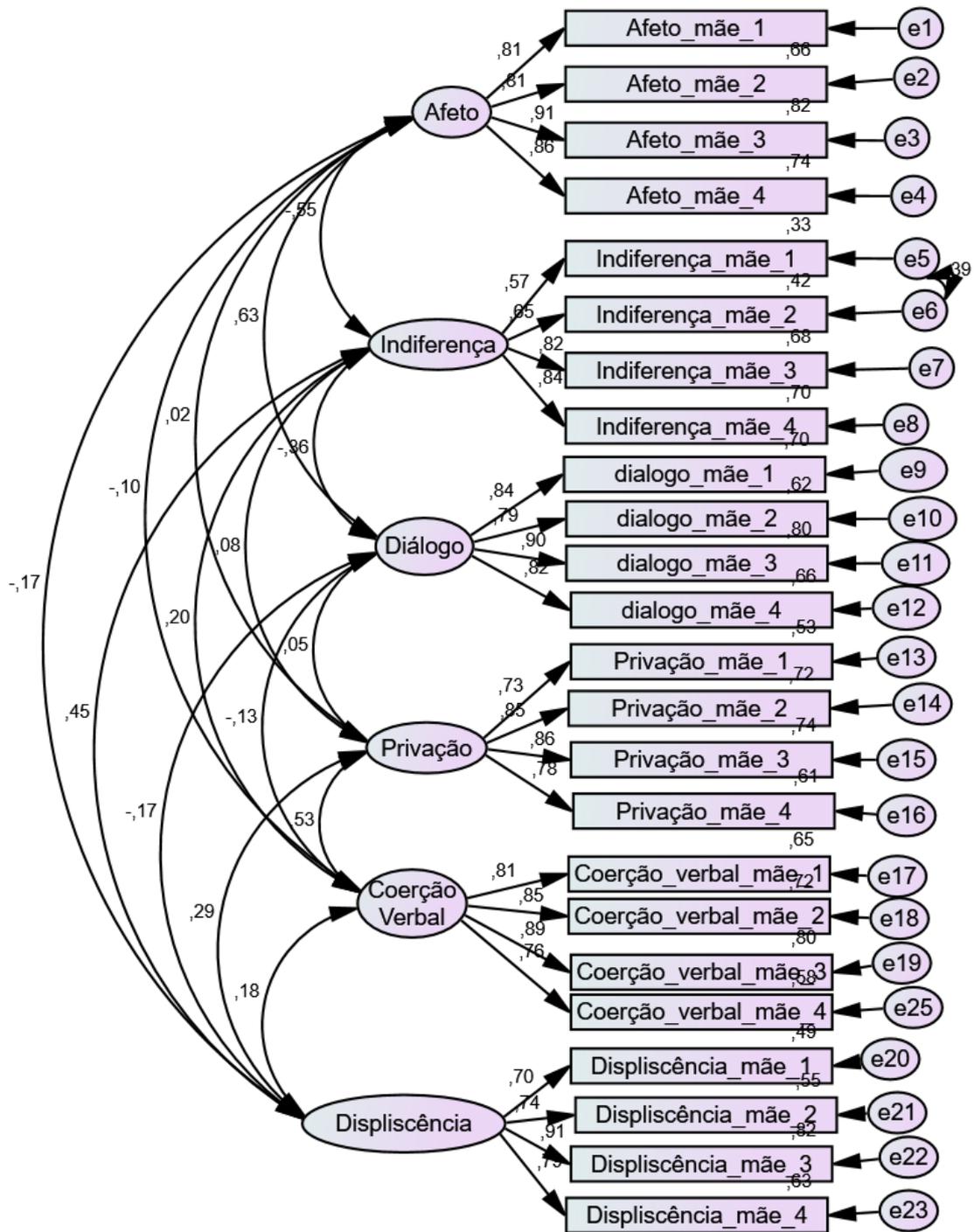
$\chi^2(165)=307.48$; $p=.000$; Ratio=1.86; CFI=.88; RMR=.07 e RMSEA=.06

5.2 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de socialização Parental na Adolescência (Pai) – do primeiro estudo empírico



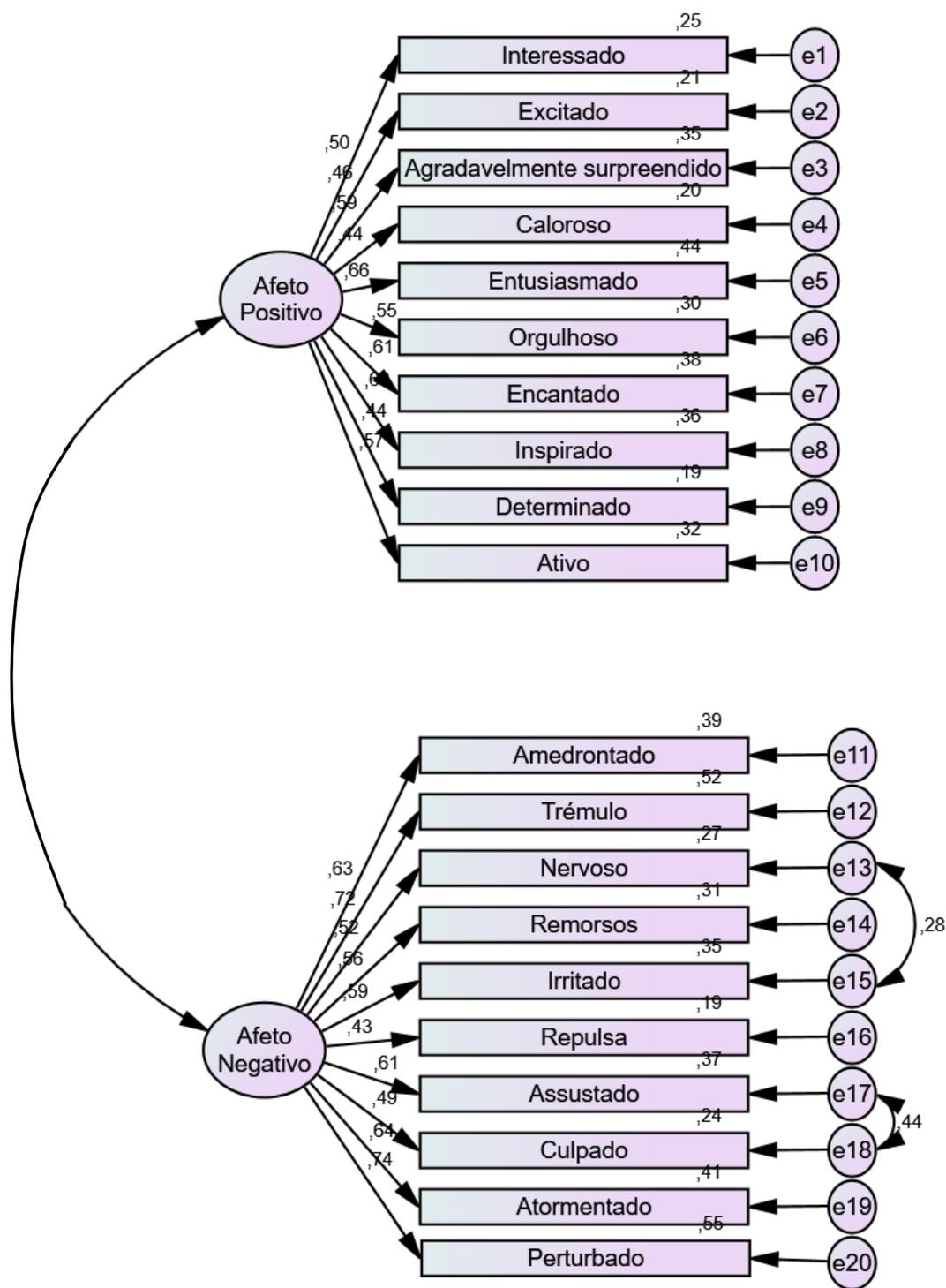
$\chi^2(237)=814.52$; $p=.00$; Ratio=3.44; CFI=.87; RMR=.03 e RMSEA=.10

5.3 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da Escala de socialização Parental na Adolescência (Mãe) – do primeiro estudo empírico



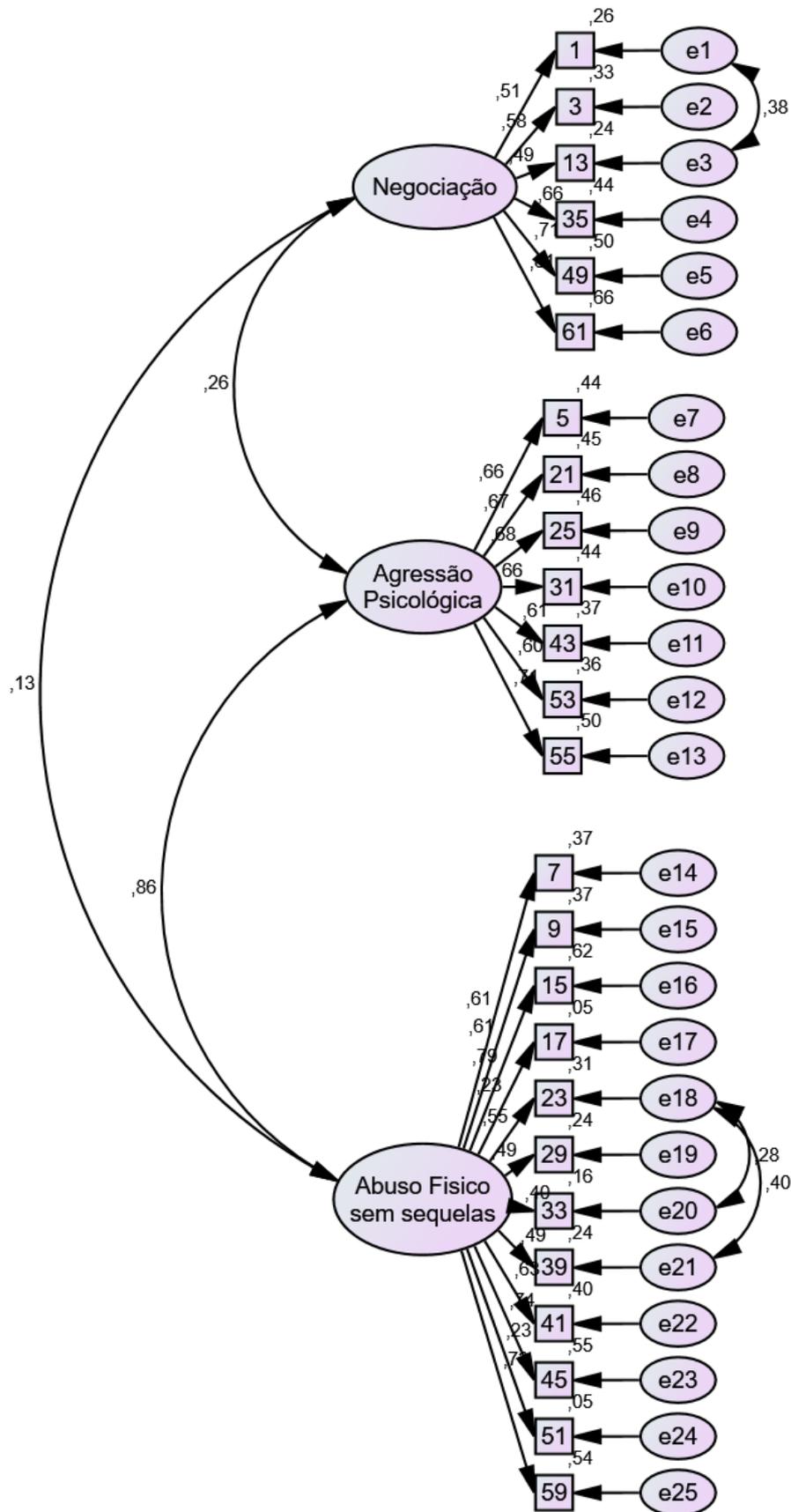
$\chi^2(236)=759.26$; $p=.00$; Ratio=3.22; CFI=.86; RMR=.02 e RMSEA=.09

5.4 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem da *Positive and Negative Affect Schedule* –
versão portuguesa – do segundo estudo empírico



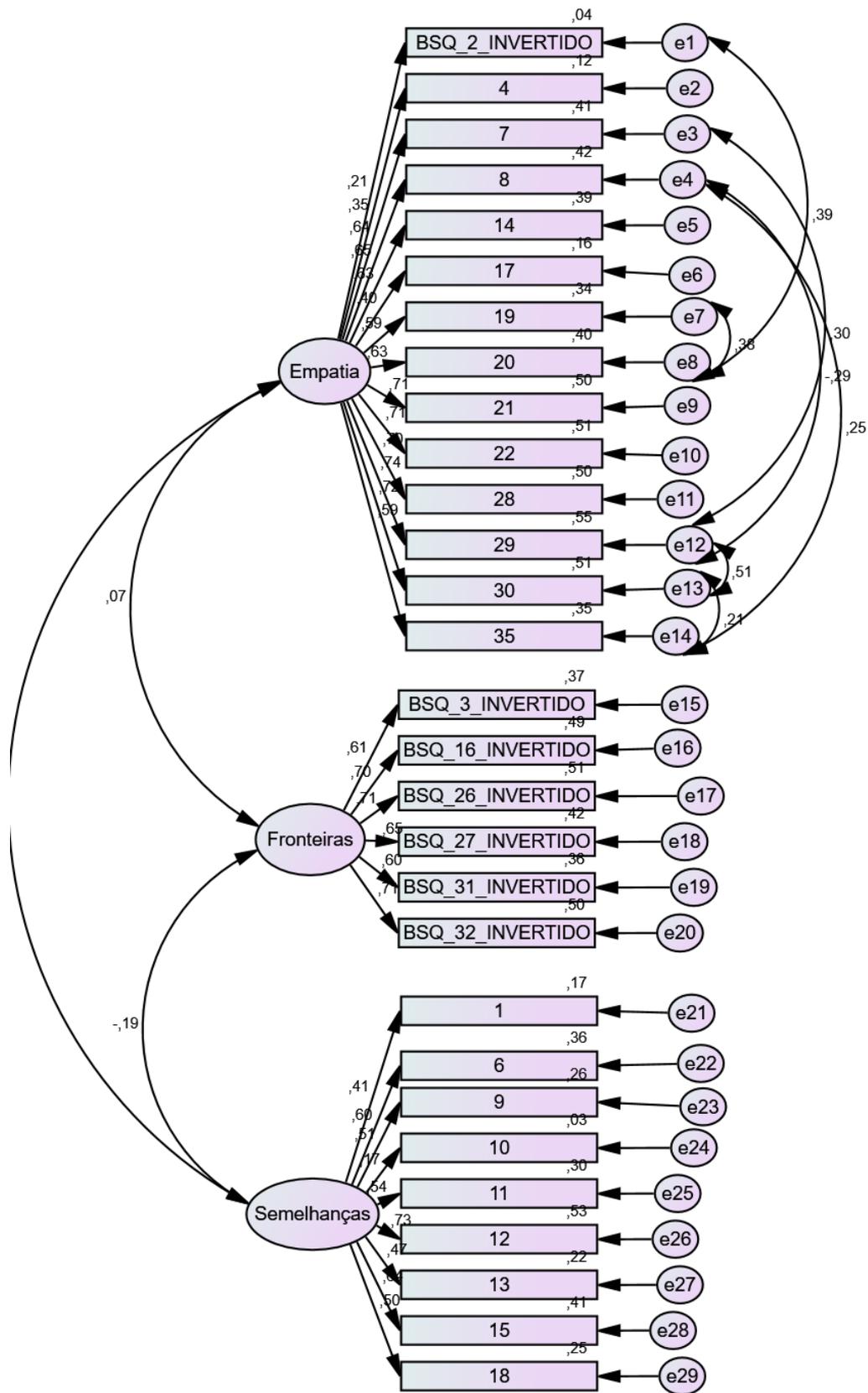
$\chi^2(167)=343.77$; $p=.00$; Ratio=2.10; CFI=.85; RMR=.09 e RMSEA=.07

5.5 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem do *The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP) – Vitimação - do segundo estudo empírico



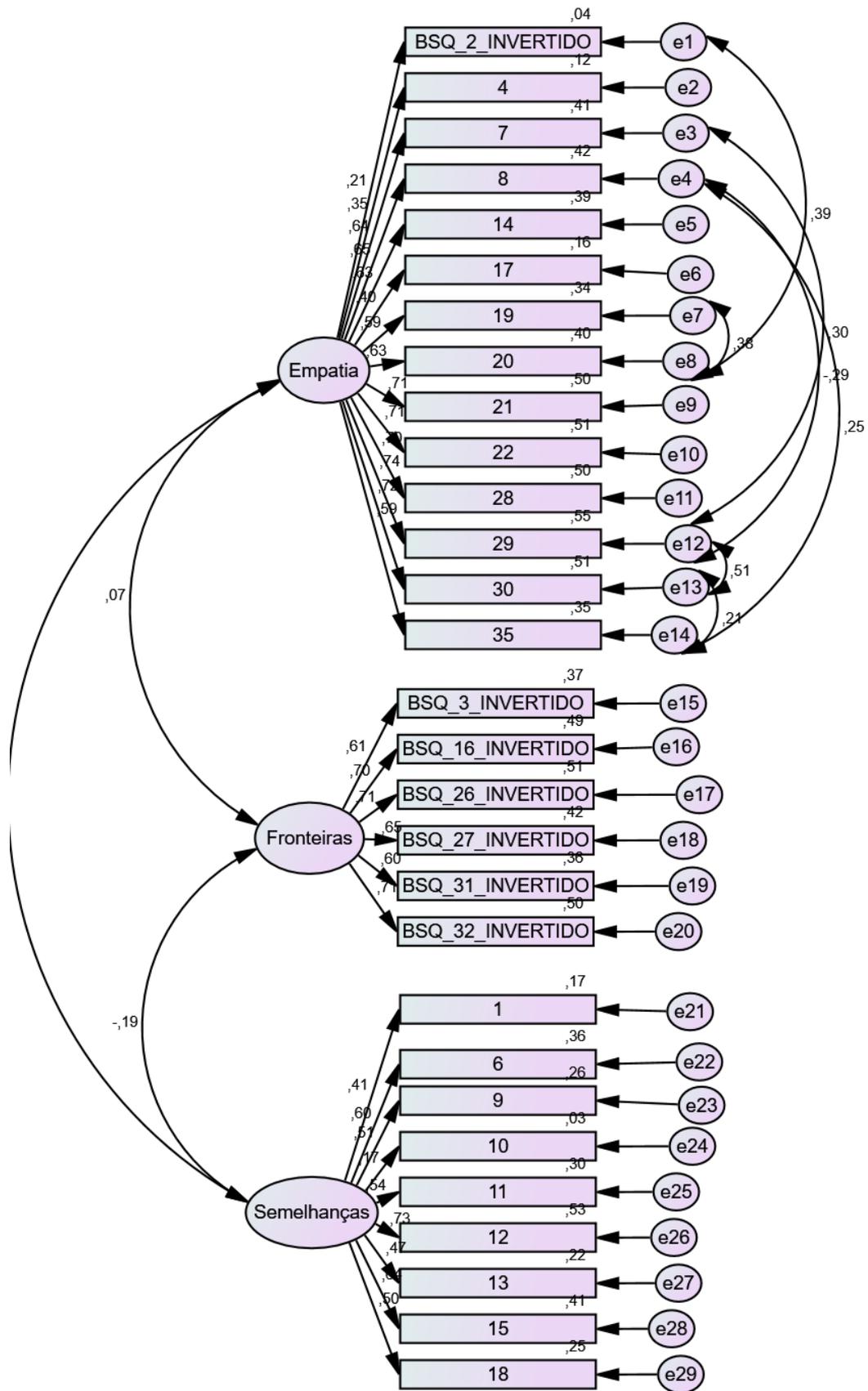
$\chi^2(269)=677.72$; $p=.00$; Ratio=2.52; CFI=.80; RMR=.20 e RMSEA=.09

5.6 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem do *The Revised Conflict Tactics Scales – Sibling Version* (CTS2-SP) – Perpetração - do segundo estudo empírico



$\chi^2(267)=601.32; p=.00; \text{Ratio}=2.25; \text{CFI}=.84; \text{RMR}=.20 \text{ e } \text{RMSEA}=.08$

5.7 Análise fatorial confirmatória de 1º ordem do *Brother-Sister Questionnaire* – versão portuguesa – do segundo estudo empírico



$\chi^2(367)=958.12$; $p=.00$; Ratio=2.61; CFI=.80; RMR=.18 e RMSEA=.09